

100 anos de Marshall McLuhan: um teórico de vanguarda

Celso Candido

A técnica pode ser um
instrumento neutro?

Sonia Montaña

Ecologia da mídia e a percepção do mundo

Francisco Rüdiger

McLuhan, da filosofia pop ao ostracismo

E mais:

>> **Pedro Gilberto Gomes**

Da sociedade dos mídias à sociedade
em midiatização

>> **Francisco Whitaker**

FSM e a radicalização da democracia

100 anos de Marshall McLuhan: um teórico de vanguarda

Há mais de quatro décadas poucos pesquisadores poderiam suportar a ideia de que um dia o mundo fosse conectado por redes que levariam os seres a viverem em uma espécie de aldeia global. Muito à frente do pensamento produzido pela tecnologia dos anos 1960, o filósofo e professor canadense Marshall McLuhan revolucionou a história da comunicação ao refletir com profundidade sobre as mudanças comportamentais provenientes do desenvolvimento da tecnologia.

A partir da primeira obra em que ganhou notoriedade, o livro *A Galáxia de Gutenberg*, ele começou a traçar com insistência a ideia de segmentação da sociedade e que os meios são mensagens. Cem anos depois do nascimento de McLuhan, seu pensamento continua atual. Aprimoramento de técnicas, redes de relacionamento virtuais e novos aparatos tecnológicos retomam para o debate as obras do autor que marcou o pensamento de uma época e inspiram a edição desta semana da IHU On-Line.

Entre os entrevistados, o filósofo **Celso Candido de Azambuja** analisa a relação de técnica e novas tecnologias com as referências do autor. Para ele, meios e homens estão em simbiose constante e vivem de mútuas e múltiplas interdeterminações. O doutor em Comunicação **Pedro Gilberto Gomes** explica a lógica do pensador e compara seu pensamento com o de Teilhard de Chardin, que teria inspirado parte das ideias do canadense. Crítico ao pensamento do pesquisador, o professor do curso de Comunicação da PUCRS **Francisco Rüdiger** faz uma análise sobre o pensamento de McLuhan e considera que ele “se converteu em guru de uma nova geração, porta-voz do espírito do tempo, filósofo ‘da’ comunicação de massas e suas tecnologias.”

Fazendo reflexões mais contemporâneas, a jornalista **Filomena Bomfim** levanta a ideia de que o excesso de informações das mídias permite o aprofundamento e a compreensão melhor da realidade, enquanto o pesquisador mexicano **Octavio Islas** afirma que as redes sociais são prolongamentos de veias e artérias do ser. Para a jornalista e pesquisadora **Sonia Montañó**, a fim de compreendermos parte da obra de McLuhan nos dias atuais, torna-se necessário fazer uma ecologia da mídia. Ou seja, compreender que o meio traz em si um modo de perceber o mundo, um ambiente.

Completa esta edição uma entrevista com o jornalista **Ciro Marcondes Filho**, a respeito das implicações da sociedade mediatizada. Pedro Gilberto Gomes publica o artigo “**Da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização**”. **Francisco Whitaker**, cofundador do Fórum Social Mundial, **Erico Hammes**, teólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e **Roberto Zwetsch**, teólogo e docente na Escola Superior de Teologia - EST, analisam as trajetórias do Fórum Social Mundial - FSM e do Fórum Mundial de Teologia e Libertação - FMTL e falam dos desafios e expectativas em relação à continuidade dos eventos.

A todas e todos uma boa leitura e ótima semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Anelise Zanoni MTB 9816 (aneliseza@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Celso Candido: A técnica pode ser um instrumento neutro?

PÁGINA 10 | Sonia Montañó: Ecologia da mídia e a percepção do mundo

PÁGINA 12 | Pedro Gilberto Gomes: A nova versão do meio como mensagem

PÁGINA 15 | Filomena Bomfim: As interfaces do meio e da mensagem

PÁGINA 17 | Octávio Islas: A ecologia das mudanças tecnológicas

PÁGINA 19 | Francisco Rüdiger: McLuhan, da filosofia pop ao ostracismo

B. Destaques da semana

» Artigo da Semana

PÁGINA 22 | Pedro Gilberto Gomes: Da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização

» Entrevista da Semana

PÁGINA 25 | **Ciro Marcondes Filho**: “A sociedade mediatizada não é uma sociedade feliz”

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | **João Miguel**: Digitalização da televisão em Moçambique: um longo caminho por trilhar

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 37 | Francisco Whitaker: O FSM e a radicalização da democracia

PÁGINA 40 | Roberto Szwetsch: FMTL: uma comunidade teológica mundial

PÁGINA 43 | Erico Hammes: Fórum Mundial de Teologia e Libertação, uma conquista a ser potencializada

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Oscar Kronmeyer



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

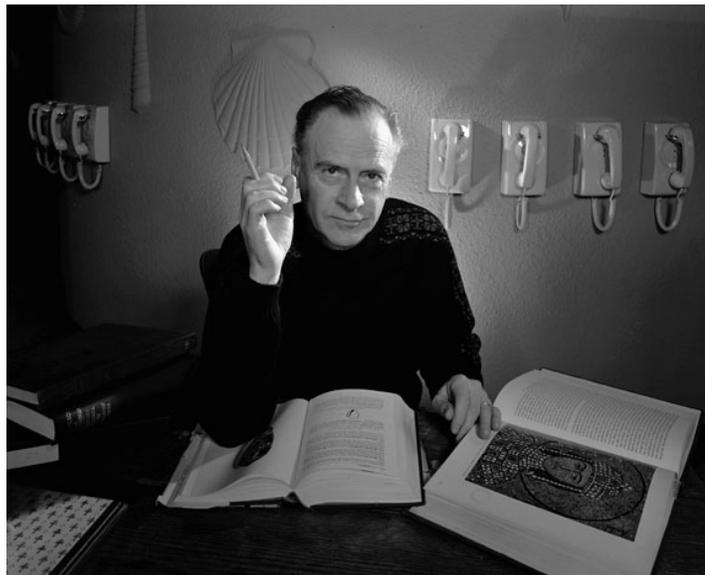
Tema de Capa

O centenário Marshall McLuhan

Nascido em julho de 1911 na cidade de Edmonton, no Canadá, Marshall McLuhan é conhecido mundialmente por ter revolucionado a área da comunicação devido aos seus pensamentos reflexivos sobre os efeitos da tecnologia na rotina e no pensamento do homem.

Filho de um corretor de seguros e de uma mulher cosmopolita, ele deixou a escola de Engenharia, na Universidade de Manitoba, para estudar literatura inglesa em Cambridge, na Inglaterra. No início de 1950, deu início aos estudos sobre Comunicação e Cultura, na Universidade de Toronto, no Canadá. A partir das experiências e do mergulho na área tecnológica, publicou o primeiro grande trabalho, intitulado *A Noiva Mecânica* (1951) - um exame dos efeitos da publicidade sobre a sociedade e a cultura. Entretanto, seus pensamentos críticos e teorias sobre a mídia tomaram mais forma com o nascimento de *A Galáxia de Gutenberg*, no qual analisa a passagem da oralidade para a tipografia. Depois, ganhou destaque com as obras *Os meios de comunicação como extensão do homem* e *O meio é a mensagem*.

McLuhan introduz as expressões “o impacto sensorial”, “o meio é a mensagem” e “aldeia global” como metáforas para a sociedade contemporânea, ao ponto de se tornarem parte da nossa linguagem do dia a dia. Foi precursor dos estudos midiológicos e faleceu em dezembro de 1980.



A técnica pode ser um instrumento neutro?

Ainda atuais, as ideias de McLuhan são essenciais para compreendermos a tecnologia e os meios de comunicação, diz o filósofo Celso Candido de Azambuja

POR ANELISE ZANONI

Nem sempre o desenvolvimento da técnica acompanha a evolução das ideias. Da mesma forma, às vezes, os pensadores do presente não conseguem entender com os próprios referenciais o tempo vivido hoje. No caso de Marshall McLuhan, o mundo do pensamento encontrou a vanguarda, o que fez com que o pesquisador canadense se ocupasse, entre as décadas de 1950 e 1960, com a crítica da cultura do meio, do meio enquanto mensagem, ou seja, da mensagem do meio.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o filósofo Celso Candido de Azambuja analisa a relação de técnica e novas tecnologias com as referências do autor. Para ele, meios e homens estão em simbiose constante e vivem de mútuas e múltiplas interdeterminações.

“A técnica não é apenas um instrumento neutro o qual manipulamos e que, do conforto de nossos posicionamentos éticos e instrumentos conceituais, podemos dirigir para o bem ou para o mal”, afirma. Considerando os grandes pensadores como “pintores do desvelamento do ser”, o entrevistado acredita que o conhecimento necessário hoje para a tomada de decisões é cada vez mais complexo, o que implica métodos transdisciplinares.

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Celso Candido é professor adjunto da Unisinos e coordenador do curso de Filosofia da instituição. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Com o tempo, a técnica evolui, mas o pensamento de McLuhan continua atual. Como você analisa a natureza e o conceito de técnica hoje?

Celso Candido de Azambuja - Não há dúvidas de que as técnicas evoluíram muito nas últimas décadas, especialmente, as de comunicação. Computadores, celulares, televisores, rádios - todos interconectados por redes globais de comunicação e informação - formam hoje a grande aldeia global. Mas o modo de evolução das ideias é distinto do modo de evolução das técnicas. Nem sempre os pensadores do presente conseguem entender com suas ideias seu tempo.

De um lado, não parece que grande parte da academia e dos intelectuais tenha compreendido este fenômeno comunicativo monumental, espantoso. E, sinceramente, nem parece que estejam muito interessados nisto. Entretanto, de outro lado e diferentemente

da famosa Escola de Frankfurt¹, a qual concentrou sua crítica à indústria da “cultura de massas” e cujos efeitos se mostraram muito visíveis com os fenômenos de massas como o nazismo, as duas guerras mundiais, a padronização do estilo, o consumo de massa, entre outros, McLuhan se ocupou com a crítica da cultura do meio, do meio enquanto tal, do meio enquanto mensagem, ou seja, da *mensagem do meio*.

A partir dessa perspectiva, McLuhan tornou possível uma reflexão acerca do problema do meio, dos efeitos no âm-

¹ **Escola de Frankfurt:** Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

bito das relações, das percepções e da subjetividade humanas. Entendeu que os meios técnicos não são simples máquinas. Que a técnica não é o outro do homem. Que os meios são extensões do homem. Que meios e homens estão, portanto, em simbiose e que vivem de mútuas e múltiplas interdeterminações. Assim, a análise dele centrou-se na tentativa de entender os efeitos dos meios na vida social e dos indivíduos.

Com a evolução e transformação dos meios - ou seja, das extensões do homem - a abordagem e o problema tornou-se fundamental e complexo, porque hoje estamos literalmente mergulhados nas tecnologias de comunicação. E evoluímos para uma situação de interconexão total e visceral. Mas o problema, o desafio lançado por McLuhan, permanece o mesmo: quais os efeitos dos atuais meios de comunicação cada vez mais molecularizados, sofisticados e colados nos corpos dos indivíduos. As ideias do pensador, portanto, continuam atuais e

são essenciais para compreender a tecnologia e meios de comunicação. Elas nos fornecem pistas fundamentais para entender que a técnica não é apenas um instrumento neutro o qual manipulamos e que do conforto de nossos posicionamentos éticos e instrumentos conceituais, podemos dirigir para o bem ou para o mal. McLuhan sorria desta ingenuidade, desta superficialidade, desta cegueira que pretendia entender a técnica como um simples instrumento “neutro”.

IHU On-Line - Como você avalia a ideia de que a tecnologia contemporânea tem como meta fundamental manipular e criar novas formas de vida?

Celso Candido de Azambuja - Há uma mutação essencial na evolução da tecnologia e que se refere não apenas à dos instrumentos, mas também à de sua concepção. Podemos indicar pelo menos três grandes e diferentes concepções de tecnologia situadas esquematicamente na Antiguidade, na Modernidade e na atualidade.

Inicialmente, a técnica é puro instrumento, órgão dos instintos, força, luta contra e domínio sobre as forças da natureza: trata-se principalmente de controlar. Em seguida, trata-se de usar as forças da natureza para benefício próprio. Neste contexto, a natureza permanece inviolada.

Na Modernidade, avançamos para uma relação na qual a natureza começa a ser violada. A sociedade industrial penetra na natureza para extrair das suas entranhas as forças necessárias para a produção de bens e a reprodução humana. O resultado, hoje, mais angustiante são os problemas ambientais que este poderoso processo de violação e extração geral na natureza fazem surgir.

Na atual sociedade do conhecimento, com o avanço da tecnociência, a situação é totalmente nova e inédita, espetacular. Trata-se de manipular a matéria para criar novas formas de vida, para transformar as formas de vida. É nesse sentido que se deveria entender a ideia de pós-humano²: o da humanidade autoengendradora, au-

² Pós-Humano: leia mais na edição número 200, de 16-10-2006 intitulada *O Pós-Humano. Os Limites e as Possibilidades do Pós-Humanismo*. Para acessá-la entre no link <http://bit.ly/ex8fwf>

“Nem sempre os pensadores do presente conseguem entender com suas ideias seu tempo”

totransformada por suas próprias invenções; porque a manipulação das formas de vida é feita pela própria humanidade.

Aristóteles propunha uma distinção das formas através das quais nós nos relacionamos com a verdade. Além da sabedoria (*sofia*), da razão intuitiva (*nous*), da sabedoria prática (*phronesis*), existiam a ciência (*episteme*) e a técnica/arte (*techne*). A técnica era a arte de bem fazer alguma coisa: uma virtude intelectual técnica. A ciência é teórica-prática, suas verdades são eternas e demonstráveis, objetivas.

Assim, na Antiguidade, a *techne* operava em uma dimensão relativamente autônoma da *episteme* e das demais virtudes intelectuais. Seu poder se circunscrevia aos limites da cidade e da natureza. Trata-se de explorar as potencialidades da natureza dentro de seus próprios limites. Na Modernidade expansionista, a natureza aparecerá como objeto a ser explorado e manipulado pela técnica a fim de satisfazer as necessidades e os interesses humanos. O conhecimento da natureza é neste contexto fundamental. Técnica e ciência se associam na mesma tarefa comum: manipular a natureza para melhor explorá-la. Heidegger³ afirmará que na Modernidade a técnica e a ciência eram inseparáveis e tinham se transformado em uma única forma de saber. Hoje, tudo depende da pesquisa

³ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira a edição 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*. (Nota da IHU On-Line)

e do desenvolvimento tecnocientífico. Nova forma de saber que hegemoniza cada vez mais velozmente os poderes diretivos da civilização atual.

A tecnociência, hoje, tem como fundamento não mais penetrar na natureza para lhe esgotar as forças até seu definhamento. Trata-se, antes de tudo, de um trabalho de recuperação e invenção de formas de vida. De melhoramento da qualidade de vida humana. Do aperfeiçoamento humano por meio da tecnociência. Trata-se de um trabalho de manipulação criadora. Se para Kant⁴ o século XVIII era o do esclarecimento, hoje, indiscutivelmente, vivemos no século da tecnociência.

IHU On-Line - Qual a importância das obras de McLuhan para o pensamento filosófico?

Celso Candido de Azambuja - Não podemos entender nossa atualidade sem o aporte intelectual e a arquitetura conceitual legados por autores como McLuhan. Os grandes pensadores resistem ao tempo. Normalmente visionários, estão sempre além de seu próprio tempo. Eles nos ensinam a olhar o mundo de novas formas, de perspectivas inéditas, com novos olhos; apontam a direção e problemas nunca antes pensados. Tornam visível o que antes nos era invisível. São pintores do desvelamento do ser.

Pensadores como McLuhan, conseguem, com seu trabalho crítico e criativo, nos orientar no pensamento no nosso tempo. O tempo é uma sucessão infundável e complexa de tempos os mais diversos possíveis. As ideias de McLuhan continuam sendo essenciais para entender nossa atualidade marcadamente tecnológica e comunicativa.

Parece-me que a originalidade de sua contribuição ainda não foi esgotada, e os teóricos e pesquisadores da filosofia da comunicação e da tecnologia terão ainda muito trabalho para ser decifrá-la.

⁴ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>.

IHU On-Line - McLuhan acredita-va que algumas mudanças culturais ocorriam devido às mudanças resultantes da tecnologia. Como você relaciona o pensamento dele com a sociedade que valoriza cada vez mais os resultados e o dinheiro?

Celso Candido de Azambuja - O debate ideológico em torno do problema da tecnologia me parece às vezes um pouco simplificador. Em primeiro lugar porque tecnologia é poder. Sendo poder ela não tem uma direção unívoca. Ao mesmo tempo, a noção de tecnologia não pode ser reduzida à sua capacidade de produzir resultados e dinheiro. Não podemos considerar isto como um mal em si. Tudo depende de que resultados e de que dinheiro nós estamos falando. Será que a tecnociência já não está em condições de acabar com a fome no mundo? Não seria este um ótimo resultado?

Não devemos reduzir a complexidade do problema. A tecnologia é condição essencial para a vida humana. Não haveria vida humana sem a técnica, sem estas extensões que tornaram possível aos seres humanos sobreviver às intempéries e aos inimigos naturais.

A tecnologia é poder humano, sim. Quando ela está concentrada, quando se transforma em capital, ela se torna instrumento de poder de uns sobre os outros, de poucos sobre muitos; tal como, por exemplo, as relações de produção em um sistema capitalista clássico. Mas na sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação as forças produtivas e tecnológicas estão em contínuo e intensificado processo de desterritorialização e molecularização social. O capital tecnológico e científico encontra-se cada vez mais compartilhado, distribuído e acessível. O que antes era poder de uns poucos, hoje se transformou, está se transformando ainda, em poder de muitos. O computador é um exemplo.

Não podemos fechar os olhos para as mudanças em curso no âmbito das relações de produção e de poder. As forças produtivas estão hoje cada vez mais desterritorializadas, desmaterializadas, tornando mais difícil e complexo seu controle por pequenos ou poucos grupos. O capital tradicional está infiltrado por todos os lados por novas formas e complexas forças produtivas.

“O conhecimento hoje necessário para a tomada de decisões é cada vez mais complexo, implicando necessariamente um método transdisciplinar”

Ao mesmo tempo em que a tecnologia moderna de tipo explorador já não é mais tolerada com facilidade, a automação industrial e agrícola liberta o homem de um tipo de trabalho essencialmente reprodutivo e alienante. Cresce atualmente a demanda por serviços, criatividade, inteligência, estratégias. Ao mesmo tempo em que cresce a demanda por qualidade de vida.

Os potenciais culturais, políticos, econômicos e subjetivos da revolução tecnológica das comunicações em pleno curso são extraordinários. Precisamos urgentemente nos alfabetizar nesta nova linguagem emergente hipertextual e intercriativa. Caso contrário, estaremos falando já uma linguagem que ninguém mais entende nem está interessado em entender.

McLuhan, como educador, filósofo, teórico da comunicação e da tecnologia, estava preocupado com os potenciais culturais dos meios, em especial, da televisão, cujo potencial integrador e pedagógico foi por ele desde o princípio ressaltado. Por isso sua preocupação em torno do problema da mensagem dos meios, pois somente com esta compreensão fundamental poderíamos explorar seus verdadeiros potenciais educacionais e culturais.

IHU On-Line - Como a nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma aldeia global?

Celso Candido de Azambuja - A aldeia global que vivemos é a da intercriatividade. Através dos meios eletrônicos de comunicação, tais como os celulares, os computadores, os televisores, a humanidade encontra-se em processo de unificação transcultural.

Diferentemente de uma aldeia global massificada, tal como aquela condicionada pela indústria da cultura de massas durante grande parte do século passado, a aldeia global eletrônica atual é intercriativa, pois convoca seus internautas a uma navegação criativa, autoprodutiva. Ela convoca à produção de uma subjetividade singular, à produção de inventivas narrativas de si e do mundo a respeito das quais os meios precedentes sequer um dia podiam sonhar. Basta olhar a experiência do Google, da Wikipédia, do YouTube, do Twitter, do Facebook⁵ para perceber o que estou querendo dizer. Nestes ambientes, nestas interfaces de comunicação, não é possível mais manter a postura de um espectador que ouve e assiste a sua história ser contada desde fora. Ao contrário, nestes ambientes comunicativos os indivíduos apropriam-se da narrativa de suas vidas, de seus sentimentos, valores, projetos.

Avalio que estamos entrando em uma era em que os modelos de governança de tipo republicanos serão os mais adequados não apenas técnica, mas também subjetivamente para dar conta dos nossos problemas cada vez mais complexos. Os meios tecnológicos em expansão atualmente tornaram possível - e eu diria mesmo necessária - a participação cada vez mais direta dos cidadãos nesta aldeia, através de uma forma de comunicação ativa, da informação processada em alta escala, do conhecimento compartilhado, das redes de integração social e política.

O conhecimento hoje necessário para a tomada de decisões é cada vez mais complexo, implicando necessariamente um método transdisciplinar. É preciso assim saber articular redes de saberes decisórias, propositivas, múltiplas, em escala mundial. Na medida em que a tecnologia e conhecimento se tornam compartilhados, também o poder é compartilhado.

IHU On-Line - Para McLuhan, o livro individualiza e o rádio unifica. Com a chegada de meios como Facebook e Twitter estamos valorizando o pen-

⁵ Leia mais na edição número 290 da IHU On-Line, de 20-04-2009, intitulada Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web. Disponível em <http://migre.me/4dQ4z>

samento escrito, mas não a individualização. Como você avalia esse comportamento?

Celso Candido de Azambuja - O livro individualiza não somente porque produz um pensamento escrito. É porque convoca à introspecção, à imaginação e à reflexão. O livro tende ao isolamento e isto tão mais acentuadamente nas culturas quentes.

O pensamento escrito esteve circunscrito ao território do papel e do livro impresso durante muito tempo. De tal modo que acabamos por identificar o escrito impresso com o próprio pensamento escrito. Mas este já esteve inscrito em outros suportes, tais como em pedras, tábuas, metais. Platão⁶ chegou a elaborar uma séria crítica aos pensamentos escritos com letras. Denunciou tal atividade como inapropriada e como forma de falsificar a verdadeira sabedoria que só o embate dialético oral seria capaz de produzir.

Acontece que o pensamento escrito tem atualmente uma nova interface através da qual pode presentificar-se. Trata-se de um suporte em si mesmo dinâmico que, por sua natureza, dá novo dinamismo à palavra escrita. Antes da internet, o tempo de processamento da palavra escrita era completamente diferente. A escrita digital é fluída, móvel. A palavra se movimenta na tela e viaja à velocidade da luz no espaço. É uma situação diferente. O pensamento escrito libertou-se das amarras do texto impresso. Ele movimenta-se livre nas telas e redes intercontinentais de comunicação.

Deste modo, o pensamento escrito tornou-se instrumento ágil de comunicação, ao mesmo tempo em que seu poder cresceu em toda parte. Hoje, se você não souber ler e escrever um e-

mail, você estará completamente por fora. A escrita, na rede, é intercriativa, fragmentada, veloz. Ela convida ao diálogo. Se você não teclar, não irá se comunicar.

Esta nova plasticidade do texto está muito mais próxima da velocidade de renovação dos saberes e do modo como se pode aproximar da verdade em nossos dias. E não há dúvidas que já supera em muito o potencial civilizacional do livro e do pensamento escrito impresso.

IHU On-Line - Para McLuhan, a cultura do alfabeto predispõe o homem a dessacralizar seu modo de ser. Como fica a relação do ser nos dias atuais?

Celso Candido de Azambuja - As sociedades orais são naturalmente mais coesas, mais coletivas, mais afetivas - mais frias no sentido mcluhiano - comparadas com as sociedades da escrita alfabética. Nas culturas onde predomina a oralidade as crenças, os mitos, as lendas, jogam peso também maior na articulação dos sentidos e significações sociais. O alfabeto dota o homem de uma potência de esclarecimento que o projeta para além das suas crenças, mitos, verdades da sua comunidade.

A oralidade convoca à participação, é um meio frio, aproxima. A escrita isola. O alfabeto projeta o homem para além de seu próprio universo imaginário, unificando os homens culturalmente, ainda que não politicamente. Isto força o homem a sair de si mesmo, quer dizer, sair de seu próprio universo fechado de significações.

O mundo da escrita alfabética é cada vez mais humano no sentido de que o horizonte dos problemas humanos se coloca para ser respondido no âmbito da própria palavra humana. Os enigmas, os problemas, as questões passam a ser definidas no embate puramente humano.

Grande parte da cultura oral é marcada pelo recurso ao mito, aos cultos de adivinhação. Platão, como disse antes, fará a denúncia do empobrecimento do discurso através do recurso ao texto escrito com letras. Com os sofistas que escrevem seus discursos, portanto, a sabedoria teria chegado ao seu fim, lamenta Platão. Entretanto,

a força do meio literário, o obriga a fazer sua luta contra o movimento sofista através do recurso da palavra escrita. Os diálogos escritos foram sem dúvida uma tentativa de resgatar o que o texto escrito anunciava: a morte da dialética.

A escrita alfabética arrastou Platão e todos os que vieram depois. Reinou praticamente absoluta até o advento dos meios eletrônicos no século XX. Hoje, como já dissemos, encontra-se em pleno processo de reinvenção e ressignificação.

É neste contexto de reinvenção e ressignificação não apenas da escrita, mas também e talvez principalmente da linguagem hipertextual, que os indivíduos estão construindo suas narrativas autoprojeadas. Nessa autoconstrução generalizada de nossos dias, penso que o problema do sentido do ser pode ser colocado para além da massificação e da impessoalidade que predominaram na era dos *mass media*.

Se, como pretendia Parmênides,⁷ o ser que é possível ser é o ser que é pensado, o ser que é possível ser pensado hoje, na era eletrônica, é aquele que somente pode se compreender através de uma nova perspectiva: transdisciplinar, transcultural, transmidiática, polifônica. É o ser de uma enorme complexidade cujas potencialidades e modos de aparecer são de uma riqueza extraordinária. É nesta irreversível - e desejável - pluralidade de formas de vida, moral, religiosa, política e estética através da qual o ser do humano em nossa época se revela e se transforma que reencontraremos a pergunta pelo sentido de nossa existência.

LEIA MAIS...

Celso Candido de Azambuja já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line

- "Sociedade das possibilidades". Publicada em Notícias do Dia de 16-6- 2009. Disponível em <http://migre.me/4c7tG>
- A reinvenção do ser humano a partir da invenção da máquina. Publicada na edição Maio de 1968: 40 anos, número 250, de 10-03-2008. Acesse o link <http://migre.me/4c7zb>

⁷ Parmênides de Eleia (530 a. C. - 460 a. C.); filósofo pré-socrático, fundador da escola eletica. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Platão (427-347 a. C.); filósofo ateniense, criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a teoria das ideias e a dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

Ecologia da mídia e a percepção do mundo

Jornalista, Sonia Montañó acredita que fazer uma ecologia de qualquer meio de comunicação é compreender que ele traz consigo maneiras diferentes de perceber o mundo

POR ANELISE ZANONI

Para a jornalista e pesquisadora Sonia Montañó, faz-se necessário, a fim de compreendermos parte da obra de McLuhan nos dias atuais, fazer uma ecologia da mídia. Ou seja, compreender que o meio traz em si um modo de perceber o mundo, um ambiente.

A explicação estaria na própria teoria do autor: “quando ele diz que o meio é a mensagem, é o mesmo que dizer que o meio cria um ambiente, e esse é o verdadeiro ‘efeito’ de uma mídia ou tecnologia”, afirmou a jornalista em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Em uma cultura virtualmente tecnológica, a web, as tecnologias móveis e o audiovisual vão adquirindo direções diversas. “Vivemos em uma cultura em que a produção, a distribuição e a recepção da maior parte do conteúdo são mediadas por softwares”, explica Sonia.

Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos, Sonia Montañó apresentará o artigo *Metodologia das molduras e ecologia audiovisual* no congresso anual de Edmonton, no Canadá, terra de McLuhan, de 23 a 26-06-2011. A pesquisa, feita em parceria com a professora doutora Suzana Kilpp, apresenta uma metodologia de análise produtiva para o audiovisual da web. Atualmente a jornalista cursa doutorado em Ciências da Comunicação na Unisinos e é professora visitante no Curso de Comunicação Digital da mesma instituição. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Depois de produzir um artigo sobre ecologia audiovisual, a senhora apresentará a pesquisa no congresso anual de Edmonton, no Canadá. Quais as expectativas das pesquisadoras ao apresentá-lo na terra de McLuhan?

Sonia Montañó - Teremos uma experiência de intercâmbio e debate com pesquisadores do mundo inteiro que estão tentando pensar a contemporaneidade desde o campo da comunicação e da mídia e socializar também o trabalho de nosso grupo de pesquisa, chamado Audiovisualidades e tecnocultura: comunicação, memória e design (www.tecnoculturaaudiovisual.com.br).

IHU On-Line - Qual sua análise sobre o meio e a mensagem na sociedade contemporânea?

Sonia Montañó - Uma das formas como podemos compreender o meio e a mensagem hoje a partir de McLuhan é fazendo uma ecologia da mídia. Quando

ele diz que o meio é a mensagem é o mesmo que dizer que o meio cria um ambiente e esse é o verdadeiro “efeito” de uma mídia ou tecnologia. Mas esse novo ambiente introduzido por um novo meio é tão imperceptível como a água para o peixe, dizia McLuhan. Fazer uma ecologia de qualquer meio é compreender que o meio traz consigo um modo de perceber o mundo, um ambiente. A escrita, por exemplo, é um meio cujo ambiente domina ainda hoje nossos modos de percepção. “Uniformidade, continuidade e linearidade são valores do homem tipográfico”, dizia McLuhan. A história, o pensamento histórico, assim como a ciência e a técnica são invenções da escrita, do ambiente que dela emana e nos envolve. Estamos dominados pelo pensamento lineal. A escrita, neste caso, é uma imagem lineal, porque tendemos a ver tudo em linha, até metaforicamente seguimos “uma linha” de pensamento ou de raciocínio, uma linha de ação. Inclusive um novo meio, como a web,

o denominamos com termos da escrita como “página”, “etiquetas”, “arquivos” e critérios biblioteconômicos de organização. Contudo, sempre no novo estágio de uma tecnologia ou do meio tendemos a vê-lo conforme o meio anterior. Inclusive chamamos de “sítio” um espaço tridimensional. Então, a mensagem de qualquer meio não é a que ele diz formalmente como mensagem e, sim, o ambiente, a cultura, os modos de percepção e cognição que ele instaura.

IHU On-Line - No caso dos audiovisuais, como a mensagem hoje é transmitida e compreendida tendo em vista a necessidade da instantaneidade?

Sonia Montañó - Com a web e as tecnologias móveis - tanto aquelas que permitem acessar como capturar, editar e “publicar” imagens -, o audiovisual vai adquirindo um trânsito muito grande em direções muito diversas. Ele se torna um meio de conectividade global e instantâneo. A nanotecnologia e as possibili-

dades da cultura sem fio permitem que microcâmeras nos limites interiores dos corpos humanos e nos limites exteriores das viagens espaciais transmitam imagens em tempo real. Imagens audiovisuais produzidas das mais diversas formas transitam em ocasiões globais como nas copas do mundo ou nas grandes catástrofes como a que estamos vivendo no Japão. Mas também ocasiões banais, como usuários que transmitem suas vidas durante as 24 horas do dia, inclusive dormindo, são imagens que povoam nossas plataformas de vídeo na web. O imperativo de transmitir tudo audiovisualmente para qualquer usuário de qualquer parte do mundo parece ser a ordem do dia.

Além disso, o design dos novos produtos tende a ser cada vez mais transportável e ter “alta fidelidade” - termo que, curiosamente, hoje está muito mais ligado às tecnologias audiovisuais que as relações humanas - de imagem e som. Em fim, o audiovisual e as possibilidades de transmitir ao vivo ou compartilhar vídeos desde qualquer ponto do planeta e a qualquer momento está moldando nossa sociedade, criando um ambiente que, ao parecer, tem o trânsito e a conectividade, o fragmento e a instantaneidade como característica de um ambiente que está sendo instaurado pelo novo meio. A partir disso, o modo de compreender a mensagem audiovisual também muda e é atravessada pela instantaneidade, pela ideia de um audiovisual aberto, fragmentado que pode e deve receber intervenção, ser copiado, parodiado, remixado e reenviado, tuitado, compartilhado.

IHU On-Line - Como o grupo percebe a metodologia da especificidade tecnocultural de cada meio de comunicação?

Sonia Montaño - Hoje a cultura deve ser pensada junto com a técnica. Como diz um autor contemporâneo, Lev Manovich,¹ se a eletricidade e o motor a combustão tornaram possível a sociedade industrial, similarmente o software permite a sociedade da informação global. Eu, por exemplo, estou usando um

¹ Lev Manovich: crítico literário e professor universitário russo. É pesquisador na área de novas mídias, mídias digitais, design e estudos do software e professor do Departamento de Artes Visuais de Universidade de San Diego, na Califórnia (EUA). (Nota da IHU On-Line)

“Vivemos em uma cultura em que a produção, distribuição e recepção da maior parte do conteúdo são mediadas por softwares”

software para responder a estas perguntas e as enviarei usando outro software. Vocês editarão e a distribuirão usando softwares e alguém estará lendo-a, também mediado por um software. É possível que, se alguém gostar, tuite alguma frase ou envie a um amigo e tudo isso será possível via algum software. Vivemos em uma cultura em que a produção, distribuição e recepção da maior parte do conteúdo são mediadas por softwares. A tecnologia é usada desde o controle de uma sinaleira na rua à renovação do estoque nos grandes supermercados e o envio de mísseis de um lugar a outro, ou nas formas de reprodução produzidas em laboratório. Contudo, nessa cultura movida a software, fragmentada, conectiva, em trânsito, há uma reciclagem de restos culturais para operar sobre a produção de sentidos identitários atribuídos a tudo, as pessoas, a sociedade aos fatos. Particularmente, isso acontece no audiovisual e já diversas pesquisas sobre cinema, TV e internet o demonstraram. Longe de “mostrar” o mundo contemporâneo, o audiovisual cria mundos audiovisuais através de uma sobreposição de molduras.

Molduras são territórios em que pessoas, fatos, conceitos são significados e tensionados. Essa foi a conclusão da pesquisa de doutorado da professora Suzana Kilpp², que propôs a metodologia das molduras, um procedimento de **construção do audiovisual** e dos modos

² Suzana Kilpp: pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, doutora em Comunicação pela mesma instituição com a tese *Ethnicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003). De sua produção bibliográfica, citamos *A traição das imagens: espelhos, câmeras e imagens especulares em reality shows* (Porto Alegre: Entremeios, 2010) e *Audiodisualidades do voyeurismo televisivo: Apontamentos sobre a televisão* (Porto Alegre: Editora Zouk, 2008). (Nota da IHU On-Line)

em que ele constrói seus mundos. O fato de vivermos em uma sociedade em que enxergamos as pessoas, conhecemos lugares, sabemos de acontecimentos por meio de imagens e os transmitimos e os comunicamos por imagens técnicas faz com que essa imagem técnica seja a experiência de mundo mais frequente. Assim, urge metodologias que nos ajudem a analisar essas imagens.

IHU On-Line - Você fala na necessidade da instantaneidade das pessoas e cita o fato de alguns quererem registrar suas vidas 24 horas por dia. Como você analisa o efeito dos meios (citados por McLuhan) sobre reality shows como Big Brother?

Sonia Montaño - Na verdade, a instantaneidade não seria propriamente uma necessidade, é um fato tecnológico. Tuitamos ou mandamos um email e quase instantaneamente pode ser acessado em qualquer parte do planeta. Nesse ambiente, a principal necessidade que há, pelo menos enunciativamente, é a conectividade. Estar conectados parece ser a urgência contemporânea, ao ponto que Bauman a vê como o centro dos laços sociais: passamos de relacionamentos a conexões, de estar engajados a estar conectados, ficamos perdidos, em “lugar nenhum” quando o celular fica sem bateria ou fora de área. A multiplicação dos reality shows, na última década, dentro da produção televisiva, insiste na fórmula vida cotidiana+câmeras. Um conjunto de pessoas convivendo num local, regidas por normas muito estritas da produção do programa, mais algumas provas para realizar, mais uma série de ambientes com algumas atividades possíveis, muitas câmeras e um prêmio a ganhar na dinâmica de eliminações semanais é a fórmula que, mais ou menos, se repete nesses programas.

LEIA MAIS...

>> Sonia Montaño já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

* O impacto ambiental do consumo de carne. Entrevista especial com Sérgio Greif e depoimento de Sonia Montaño. Publicada nas Notícias IHU On-Line, de 05-11-2007, disponível em <http://migre.me/4dQpr>

* O programa Linha Direita: a sociedade segundo a TV Globo. Edição nº 3 dos Cadernos IHU Ideias, disponível em <http://migre.me/4dQjJ>

A nova versão do meio como mensagem

Para o doutor em Comunicação Pedro Gilberto Gomes, transmitir mensagens para o maior número de pessoas, segundo certos autores e instituições, torna-se mais importante do que considerar o meio como um dispositivo tecnológico

POR ANELISE ZANONI

De acordo com Pedro Gilberto Gomes, quando Marshall McLuhan “afirmou que o importante era saber que o meio é a mensagem, nos mostrou que o próprio meio cria uma ambiência”. Nesse sentido, o que muda o pensamento das pessoas é o simples fato de entregar-se a alguma tecnologia, como a televisão ou o computador. Além disso, o fato de vivermos em uma aldeia global é nominado por Gomes como um fenômeno de “glo(tri)balização”, uma tribalização mais ampla, como define.

Por fim, o entrevistado traça um paralelo entre as obras de McLuhan e o teólogo e paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin, que teria inspirado parte dos pensamentos do canadense. “Poderíamos pensar que estamos nos divertindo, nos informando ou tentando vender algo, mas estamos fazendo parte de um processo de evolução da humanidade, de um cérebro em comum”, afirma Chardin, segundo explica Gomes.

Pró-reitor acadêmico da Unisinos, Pedro Gilberto Gomes é graduado em Filosofia pela PUCRS, especialista em Teologia, mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Atualmente é professor titular da Unisinos e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição e membro da Equipe de Reflexão de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Confira abaixo a entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line.

IHU On-Line - Em sua opinião, qual a obra mais célebre de McLuhan? Por quê?

Pedro Gilberto Gomes - Uma das mais importantes obras de McLuhan é *os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (Editora Cultrix, 1996), porque ele se debruça sobre cada um dos meios de comunicação, faz uma análise profunda. Nesta obra o autor introduz conceitos de meios quentes e frios. O prefácio também é muito interessante, os assuntos são descortinados.

Além desse livro, podemos reconhecer a *Galáxia de Gutenberg*¹ como uma obra importante que marcou sua virada. Ele analisa a importância da imprensa neste processo que ele chama de destribalização. A galáxia significa o ponto ótimo da destribalização. Nos meios de comunicação, ele reafir-

ma o conceito de retribalização e de aldeia global.

Mesmo que a obra citada tenha marcado sua história, não pode ser considerada de fácil leitura. McLuhan é um professor de literatura inglesa e ele faz a construção do livro a partir dos grandes clássicos. Quem não conhece um pouco dos autores citados pode sentir-se confuso. Em minha opinião, toda a produção intelectual de McLuhan que surgiu depois e sua visão sobre a sociedade contemporânea tem como fundamento o livro *Meios de Comunicação como Extensão do Homem*.

IHU On-Line - Entre aos assuntos abordados por McLuhan está o fato de ele acreditar que a mudança de comportamento de uma pessoa está associada ao fato de assistir TV, e não ao seu conteúdo programático. Qual seu posicionamento sobre a re-

alidade atual?

Pedro Gilberto Gomes - Hoje o meio não é tão fundamental como dispositivo tecnológico. A questão da preocupação com o conteúdo atualmente gira em torno da ideia de projetar uma mensagem para o maior número de pessoas. Para isso, usamos o jornal, a TV, o rádio, o computador, o Facebook. Essa é a visão atual de quem está centrado no conteúdo.

McLuhan, quando afirmou que o importante era saber que o meio é a mensagem, mostrou que o próprio meio cria uma ambiência. O que muda o pensamento das pessoas é o simples fato de ver televisão, e isso pode ser aplicado hoje.

Os pais, por exemplo, estão preocupados com aquilo que a juventude faz na internet e com as tecnologias. Isso é importante. Por outro lado, porém, o que é fundamental é compre-

¹ A *Galáxia de Gutenberg*, editora Nacional, 1977, 390 páginas

ender que o uso das redes sociais faz com que os jovens mudem seus estilos de socialização.

Acredito que este processo, que chamamos de midiatização², está desde cedo na criança. Há uma nova ambiência da sociedade, um novo modo de pensar e de se relacionar com as pessoas. Além disso, tendemos a pensar que as coisas devem seguir uma lógica cartesiana, com princípio, meio e fim. Hoje os jovens leem livros pelo fim, sem a lógica que imaginamos. Não há problema nessa apropriação, mas gerações mais velhas não conseguem fazer isso, mesmo quando há curiosidade.

Começar pelo final é como se faz na rede. Nos jogos eletrônicos, quando as crianças estão brincando, são mais intuitivas, rápidas e conseguem ganhar a partida. Buscam as tentativas, em vez da nossa lógica. Esse tipo de pensar é que está mudando, e McLuhan já falava numa inconsútil “túnica envolvendo a terra”. Mas, na época, ele só conhecia a TV; suas abordagens sobre os computadores fizeram parte de sua intuição. Aquilo que ele intuiu fez com que fosse considerado visionário. Hoje tudo está se realizando e com muito mais força.

IHU On-Line - O reordenamento das tribos nos faz pensar em uma aldeia global, diferente daquela descrita por McLuhan?

Pedro Gilberto Gomes - McLuhan descreve a história da humanidade a partir dos meios de comunicação. Ele afirma que, quando o homem começa a palavra oral, vai se reunir em tribos. Quando a escrita é inventada, ocorre uma destrabalização, porque as pessoas podem se apropriar dela, não precisam mais de alguém para contar uma história. Esse ciclo vai até a *Galáxia de Gutenberg*, quando, segundo ele, ocorre a explosão total. Sendo assim, podemos pegar um livro impresso, levá-lo para casa e, se não entendermos seu conteúdo, voltamos às páginas e lemos novamente. É quando ocorre a superação da linguagem oral, é o rompimento com a tribo. Ao mesmo tem-

² Leia mais sobre midiatização na edição da IHU On-Line número 289, de 13-04-2009, intitulada *Midiatização. Um modo de ser em rede comunicacional*. Disponível em <http://migre.me/14dQtr>

“Há uma nova ambiência da sociedade, um novo modo de pensar e de se relacionar com as pessoas”

po, a imprensa no século XV promove o surgimento das línguas nacionais. Com o advento da tecnologia eletrônica, a partir da eletricidade, ocorre a retribalização. Nessa época, a sociedade e o mundo estão eletricamente contrai-dos numa nova retribalização, porque passamos a nos reunir novamente.

Mesmo assim, vivemos hoje em uma aldeia global. Chamo o fenômeno de glo(tri)balização. Fiz esta analogia porque temos a retribalização e a globalização, e para teorizar criamos o termo “glocal”, ou seja, a globalização local. A glo(tri)balização é uma tribalização, mas é mais ampla, porque partimos de uma tribalização, depois temos uma retribalização. É como se fosse uma única aldeia global. Hoje não existem barreiras. Sentamos ao computador e vencemos tempo e espaço. Posso falar com uma pessoa que está do outro lado do mundo. Instantaneamente as coisas acontecem na rede. Venço tudo.

IHU On-Line - O teólogo e filósofo Teilhard de Chardin falava em noogênese, uma integração do pensamento humano em uma rede inteligente, para explicar fenômenos da comunicação. Podemos comparar seus pensamentos com os de Marshall McLuhan?

Pedro Gilberto Gomes - Teilhard de Chardin³ é um paleontólogo e partidário

³ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas Notícias Diárias do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Tei-*

da evolução, afirma que a evolução vai da pré-vida e, depois, a vida, culminando com o ser humano. Um processo que envolve a biogênese e a antropogênese. A evolução continua para uma noogênese, uma unidade do espírito, o que é salto para o além. Ele pensa além do pensamento cristão e diz que a evolução continua.

A expressão máxima da evolução da sociedade é em direção a uma espécie de um único cérebro. Ele diz que um cérebro humano é ligado por vários neurônios e trabalha independente, e a humanidade está caminhando para uma unidade cósmica em que todos os cérebros humanos individuais atuam como se fossem neurônios de um cérebro maior.

Ele acredita que a técnica não é só instrumento, mas é expressão dessa evolução do ser humano. McLuhan vai falar em meios como extensão do homem. Teilhard, por sua vez, afirma o mesmo, mas com outras palavras e com outra perspectiva. O teólogo fala dos meios da década de 1940 que ele conhecia. De acordo com ele, poderíamos pensar que estamos nos divertindo, nos informando ou tentando vender algo, mas estamos fazendo parte de um processo de evolução da humanidade, de um cérebro em comum. Teilhard falará de uma membrana que envolve a terra, que McLuhan define como “túnica inconsútil” que envolve tudo. A ideia é usada por McLuhan é de Teilhard.

A evolução para o teólogo e filósofo não é apenas linear. A possibilidade do fracasso existe, mas a evolução para Teilhard é irreversível. Ele acredita que tudo que sobe converge - para um ponto ômega, dentro da noogênese, visão de um mundo unificado, em tor-

lhard de Chardin: cientista e místico, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitulada-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRu>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

no de um grande sistema.

Grande parte daquilo que Teilhard escreveu na década de 1940 foi citada por pesquisadores como obra e pensamento de McLuhan. Provavelmente, o pesquisador canadense não o citou porque a visão de Teilhard era proibida. Ele não podia lecionar e teve de publicar obras importantes sobre o fenômeno humano.

IHU On-Line - Se Teilhard de Chardin tivesse mais liberdade para expressar suas ideias poderia ter sido considerado uma espécie de McLuhan?

Pedro Gilberto Gomes - É difícil fazer alguma previsão. Mas o certo é que, se analisarmos todas as obras dele, perceberemos que há coisas fantásticas sobre espiritualidade, biologia, entre outros. Ele foi um místico que sofreu muito. Passou mais de 20 anos da China, ajudou a descobrir o homem de Pequim e morreu nos Estados Unidos. Não podia lecionar, mas tinha boas intuições. Em 1940, quando a TV estava começando, ele teve intuições interessantes. Ele falava, inclusive, do computador. Só que, na época, as máquinas eram enormes e não tinham a potência dos computadores de mesa. Por isso ele vai falar da simulação tecnológica da consciência. McLuhan hoje teria outro tipo de salto, porque ele pensou a partir da eletricidade. Era a tecnologia analógica e hoje temos a tecnologia digital. O mundo é outro, tivemos um grande salto.

IHU On-Line - Como podemos pensar a cultura hoje diante da midiáticação tão imediata?

Pedro Gilberto Gomes - Depende daquilo que entendemos por cultura. Hoje estamos vivendo uma cultura que pode ser tudo aquilo que a pessoa humana faz, diante da mediatização, da ambiência que a condiciona. Se entendermos cultura como algo culto, como teatro, música, pintura e escul-

“McLuhan vai falar sobre meios como extensão do homem, e Teilhard de Chardin vai dizer o mesmo, mas com outras palavras e outra perspectiva”

tura, eu diria que toda essa sociedade socializa bens culturais para o número maior de pessoas. Não existem mais coisas que estão interditas às classes. Qualquer pessoa que tem computador pode fazer passeio cultural pelo Louvre, por exemplo, e ter cultura. O que mudou é a questão da perspectiva, da recepção.

De um lado, o que estamos vivendo é cultura. De outro lado, há os bens culturais: um momento em que era restrito a uma minoria, hoje existe possibilidade de socialização disso ou democratização da cultura graças às tecnologias. Hoje essa fronteira está cada vez mais tênue, porque está tudo imbricado. Nas vilas crianças têm celulares, podem acessar à internet, por exemplo.

IHU On-Line - O senhor faz alguma crítica às escolas de comunicação, tendo em vista a relação com os autores e as tecnologias?

Pedro Gilberto Gomes - As escolas de comunicação estão em outro patamar. No primeiro momento, as escolas do Brasil surgiram para formar e instrumentalizar, com uma visão dos meios de comunicação do ponto de vista de meros dispositivos tecnológicos. O jornalismo tinha influência da escola funcionalista norte-americana. Depois, principalmente com os postulados da

Escola de Frankfurt, começaram a fazer a crítica da sociedade midiática, a partir da teoria crítica.

No momento em que começaram a criticar, as faculdades de comunicação passaram a usar textos até mesmo de forma esquizofrênica, porque o aluno se formava fazendo críticas ao meio e, quando ia para o mercado de trabalho, tinha o sonho de trabalhar em grandes empresas como a Rede Globo. Dentro dessa perspectiva da Escola de Frankfurt e dos postulados do funcionalismo, McLuhan se foi. Era identificado como um homem também dos mesmos pressupostos do funcionalismo.

Hoje, de certa maneira, podemos criticar McLuhan quando ele aplica a análise dos meios para uma Filosofia da História. Isto é, com a ideia de meio quente e frio, McLuhan dá um salto para uma teoria da história. Afirmava que podemos esquentar ou esfriar uma sociedade usando os meios de comunicação. Mas o salto não estava provado, e ele foi considerado um visionário. Quem tentou acompanhar seu pensamento percebe hoje que McLuhan tinha razão.

LEIA MAIS...

>> Pedro Gilberto Gomes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

* O impacto da midiáticação na sociedade latino-americana - publicada nas Notícias do Dia, de 31-08-2008.

* Processo de midiáticação: da sociedade à Igreja - publicada nas Notícias do Dia, de 19-10-2007.

* A crise ética da comunicação nasce do impasse ético contemporâneo - publicada na IHU On-Line número 109, de 02-08-2004.

* A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto - publicada na IHU On-Line número 289, de 13-04-2009, intitulada *Mediatização*. Um modo de ser em rede comunicacional. Disponível em <http://migre.me/4dQRE>

* Espiritualidade na Internet: o surgimento de uma nova religião? Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes publicada nas Notícias do Dia de 28-03-2010. Disponível em <http://migre.me/4dQNA>

WWW.IHU.UNISINOS.BR

As interfaces do meio e da mensagem

Para a jornalista Filomena Bomfim, o excesso de informações das mídias permite o aprofundamento e a compreensão melhor da realidade

POR ANELISE ZANONI

Analizando a versão da máxima de McLuhan em que o “meio é a mensagem”, a jornalista Filomena Bomfim acredita que, se considerarmos os limites físicos de cada mídia, os meios de comunicação podem hoje transferir o mesmo fato de maneira distinta. O significado contemporâneo é que, para cada meio, há uma mensagem diferente.

O que parece simplista no processo de comunicação é muito mais profundo, como revela Filomena em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, se compararmos os efeitos narrados nas obras do autor com os resultados da revolução tecnológica que vivemos, pode-se afirmar que McLuhan se aproxima da realidade atual. Diante de tantas informações, o público é cada vez mais exigente e crítico e “as diversas abordagens possibilitadas pela natureza diferente das mídias têm permitido o aprofundamento da compreensão da realidade, por meio do cruzamento de informações e do acesso a uma variedade considerável de fontes”.

Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Filomena Bomfim é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutora pelo McLuhan Program in Culture and Technology - MPCT, na Universidade de Toronto, no Canadá. Professora da Universidade Federal de São João Del-Rei, atua na área de jornalismo e novas tecnologias e especializou-se no desenvolvimento de metodologias de pesquisas para análise das novas mídias. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A quantidade de informações obriga o público a selecionar e a pesquisar outros veículos para que não fique perdido. Como você analisa a situação, tendo como referência a ideia de McLuhan na qual a tecnologia influencia no comportamento do homem?

Filomena Bomfim - Quando o público pesquisa a mesma informação em vários meios de comunicação, entendendo que ele está vivenciando a possibilidade de se valer da complementariedade das mídias para se aproximar cada vez mais do acontecimento, por meio da comparação entre as diversas manifestações noticiosas exibidas em mídias diferentes. Marshall McLuhan acreditava que a natureza singular de cada meio podia apresentar o mesmo fato de maneira distinta. Assim sendo, entendendo que, analisando o cenário tecnológico atual, as diversas abordagens possibilitadas pela natureza diferente das mídias têm permitido o aprofunda-

mento da compreensão da realidade, por meio do cruzamento de informações e do acesso a uma variedade considerável de fontes. Portanto, percebo que os públicos têm se tornado cada vez mais exigentes e críticos, tendo em vista a possibilidade de pesquisar questões de seu interesse ampla e exaustivamente, valendo-se da sofisticação tecnológica.

Além disso, o mesmo fato pode ser percebido de forma diferente em diferentes contextos. Então, somada à sofisticação tecnológica, a possibilidade de verificar pela internet a avaliação de situações em diferentes cenários, pode enriquecer ainda mais as possibilidades de leitura de um mesmo fato.

IHU On-Line - De que forma o meio é mensagem hoje?

Filomena Bomfim - Cada meio de comunicação pode transmitir um mesmo fato de maneira distinta, se se considerar os limites físicos de cada mídia. As-

sim sendo, a televisão vai privilegiar a imagem, enquanto o rádio pode exibir recursos sonoros que vão agregar valor à mesma situação mostrada pela TV. O jornal e a revista, por sua vez, podem adicionar abordagens retrospectivas analíticas à notícia. A internet pode se valer da convergência hipermidiática para apresentar o mesmo fato, utilizando-se plataformas multimodais díspares para estimular ainda mais os sentidos humanos por meio de sons, cheiros, imagens, animações, que se refiram ao fato em questão.

IHU On-Line - As seções de tempo real abrem espaço para um novo conceito de jornalismo? Qual seria ele?

Filomena Bomfim - A questão do tempo real. Harold Innis,¹ que influenciou

¹ Harold Adams Innis: professor de [Economia Política](#) na [Universidade de Toronto](#) e autor de trabalhos sobre a [história econômica](#) do [Canadá](#), [mídia](#) e [teoria da comunicação](#). Entre suas pesquisas está a discussão sobre o papel da mídia na estruturação da cultura. (Nota da IHU On-

definitivamente a obra de McLuhan, afirmava em seu livro *Changing the concepts of time* (Rowman & Littlefield Publishers, 2004, 160 p.) que o futuro presenciaria meios de comunicação que desafiariam os conceitos ortodoxos relativos ao tempo. Considerações desse tipo, com certeza, contribuíram para que McLuhan ratificasse posturas visionárias que o intrigavam profundamente enquanto pesquisador das novas mídias. Além disso, James Joyce² (autor do romance *Finnegans' Wake*, cuja estrutura baseada em *flashbacks* inaugurou um novo estilo de narrativa) também contribuiu para a complexificação desse quadro ao influenciar o teor crítico da obra de McLuhan com relação à linearidade das mídias tradicionais, em contraposição à multilinearidade das novas tecnologias que podiam permitir uma considerável diversidade de leituras.

IHU On-Line - Como você analisa o modo de pensar gerado pela cultura tecnológica e o produzido pela da cultura da imprensa?

Filomena Bomfim - Entendo que as novas tecnologias propiciam o convívio de múltiplas abordagens sobre o mesmo tema, a partir da possibilidade de explorar a busca motivada pelo in-

Line)

² James Joyce (1882-1941): romancista, contista e poeta irlandês expatriado. É amplamente considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Uma de suas obras mais conhecidas é *Finnegans Wake* (1939). (Nota da IHU On-Line)

“Marshall McLuhan acreditava que os meios de comunicação poderiam transformar o mundo em uma aldeia global, cuja característica mais marcante era a falta de privacidade humana”

teresse do internauta, que é intuitiva, não sequencial, assistemática e pouco racional, mas, com certeza, muito mais próxima do prazer.

IHU On-Line - É possível acreditar em um domínio das máquinas sobre os humanos?

Filomena Bomfim - Não acredito no domínio das máquinas sobre os humanos. Percebo, todavia, que a sofisticação tecnológica tende a dificultar o acesso às questões mais essenciais para a realização humana.

IHU On-Line - Em sua opinião, como McLuhan ajudou a contribuir para o pensamento sobre o desenvolvimento da tecnologia?

Filomena Bomfim - Estimulando principalmente as discussões sobre o público e o privado, além dos debates sobre os limites entre essas duas instâncias, a partir da sofisticação tecnológica. Causava-lhe espanto a possibilidade de se pensar o fim da propriedade privada dos bens simbólicos, dos direitos autorais, entre outras questões. McLuhan sentia-se instigado por tais possibilidades e gostava de discuti-las.

IHU On-Line - McLuhan acreditava que as mídias eletrônicas reduziram o mundo a uma tribo ou a um vilarejo em que tudo ocorre no mesmo momento. Como você avalia a ideia do autor, tendo como comparativo a disseminação de redes sociais cada vez mais pontentes?

Filomena Bomfim - Marshall McLuhan acreditava que os meios de comunicação poderiam transformar o mundo em uma aldeia global, cuja característica mais marcante era a falta de privacidade humana, provocada pela excessiva exibição dos vários planos da existência do homem. Observando a potência das redes sociais, percebo que ele se aproximou bastante da realidade vivenciada por nós, na medida em que as redes sociais ameaçam particularmente a questão da privacidade do indivíduo que faz parte delas, colocando em circulação no ciberespaço questões pessoais que podem ameaçar até a segurança dos indivíduos.

OBSERVASINOS - OFICINA INDICADORES SOCIOECONÔMICOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO

OFICINA INDICADORES SOCIOECONÔMICOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO
MINISTRANTE: PROFA. MS CLAUDIA ANGELITA FAGUNDES RAUPP - UNISINOS

DATA: 27 DE ABRIL DE 2011

HORÁRIO: DAS 14H ÀS 17H

LOCAL: SALA IGNACIO ELLACURÍA E COMPANHEIROS - IHU

A ecologia das mudanças tecnológicas

Ao analisar a ideia de McLuhan de que os meios são prolongações do corpo humano, o sociólogo Octavio Islas afirma que as redes sociais são prolongamentos de veias e artérias do ser

POR ANELISE ZANONI | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Para compreendermos os meios, é necessário percebê-los como ambientes de interação e transformação. Assim, surge a discussão acerca da ecologia dos meios, assunto debatido pelo sociólogo mexicano Octavio Islas em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

“Essa ecologia dos meios analisa como os veículos de comunicação afetam a percepção humana”, diz o pesquisador, que se debruça nas obras de Marshall McLuhan para explicar os fenômenos comunicacionais.

“No caso de ambientes midiáticos (como livros, rádio, cine e televisão), as especificações são geralmente implícitas e informais, ou parcialmente ocultas, pela razão de não estarmos lidando com um ambiente, senão simplesmente com uma máquina”, lembra o entrevistado citando o teórico Neil Postman. Em sua opinião, “a ecologia midiática pretende tornar explícitas essas especificações, tratando de encontrar quais papéis os meios nos forçam a desempenhar, como os meios estruturam o que estamos vendo e por que razão eles nos fazem sentir e atuar do modo como o fazemos”. Diante do ambiente midiático, outras revelações surgem, como o papel das redes sociais, que podem ser consideradas prolongamentos de nossas veias e artérias na conformação do ser social.

Sociólogo, o mexicano Octavio Islas é mestre em Comunicação e Desenvolvimento e doutor em Ciências Sociais. Atua como diretor do Projeto Internet-Cátedra de Comunicação Estratégica e Cibercultura do Centro Tecnológico de Monterey, no México. Também é membro da Academia Mexicana de Comunicação e autor de oito livros. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Tendo em vista o avanço da tecnologia e das relações humanas, podemos dizer que temos hoje a mesma compreensão sobre a célebre expressão de McLuhan “o meio é a mensagem”?

Octavio Islas - Sem dúvida, trata-se da citação mais utilizada de Marshall McLuhan. Pesquisador da comunicação, ele fazia a distinção entre mídia (meios de comunicação) e médium, que é qualquer coisa que estende nossa mente, nosso corpo ou nossos sentidos. Hoje, podemos considerar uma nova tecnologia ou um gadget (aparelho). McLuhan ofereceu abundantes exemplos sobre sua tese: a roupa, por exemplo, é extensão da pele, a motocicleta é extensão da bicicleta, que por sua vez estende nossas pernas. O meio é a mensagem, porque o conteúdo de todo novo meio são os meios

anteriores. Isso ainda não mudou.

IHU On-Line - Para os estudiosos da comunicação, o conjunto de dispositivos técnicos sofisticados e complexos pode criar uma dificuldade metodológica que se refere ao pensar. Como o senhor avalia essa mudança?

Octavio Islas - Um dos principais objetos de estudo da ecologia dos meios é a fenomenologia das mudanças tecnológicas. Essa área, chamada de “Media Ecology” é uma escola do pensamento científico que tem se destacado por conceder particular ênfase ao estudo do impacto cultural das tecnologias e dos meios de comunicação nas sociedades, por meio da história. As teses de Marshall McLuhan representam seu principal fundamento teórico e epistemológico. Entre os principais teóri-

cos destacam-se: Harold Innis,¹ Walter Ong,² Neil Postman, Jacques Ellul,³

¹ Harold Innis: professor de [economia política](#) na [Universidade de Toronto](#) e autor de trabalhos sobre a [história econômica](#) do [Canadá](#), [mídia](#) e [teoria da comunicação](#). Entre suas pesquisas está a discussão a respeito do papel da mídia na estruturação da cultura. (Nota da IHU On-Line)

² Walter Ong: padre jesuíta norte-americano, é filósofo e professor de literatura inglesa, história da religião e cultura. Entre seus estudos está o interesse pela transição da oralidade para a literatura na história da comunicação. Em 1978 foi eleito presidente da Associação Americana de Língua Moderna. Faleceu em 2003. (Nota da IHU On-Line)

³ Jacques Ellul: nascido em Bordeaux, na França, o teólogo foi um dos líderes da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Trabalha com tecnologia, fazendo uma aproximação determinista e fatalista. Entre seus livros publicados está [Anarchy and Christianity \(1991\)](#), em que argumenta que o [anarquismo](#) e o cristianismo têm as mesmas perspectivas sociais. Escreveu [Le Système technicien](#) (Paris: Calmann-Lévy, 1977) e [Lê Cherche-Midi](#), 2004. (Nota da IHU On-Line)

Elizabeth Eisenstein,⁴ Eric Havelock,⁵ entre outros. Neil Postman definiu que essa ecologia dos meios analisa como os meios de comunicação afetam a percepção humana, a compreensão, a sensação e o valor; e como nossa interação com os meios facilita ou impede nossas possibilidades de sobrevivência. A palavra ecologia implica o estudo do ambiente: sua estrutura, conteúdo e impacto sobre o povo. Para ele um ambiente é, enfim, um complexo sistema de mensagens que impõe ao ser humano certas formas de pensar, sentir e atuar. Ele estrutura o que podemos ver e dizer e, por conseguinte, sentir e atuar. Assinala papéis e insiste no exercício dos mesmos. Especifica o que nos é permitido fazer ou deixar de fazer. Em certas ocasiões, como é o caso de um tribunal, uma sala de aulas, ou um escritório, as especificações são explícitas e formais. No caso de ambientes midiáticos (como livros, rádio, cine e televisão) as especificações são geralmente implícitas e informais, ou parcialmente ocultas, pela razão de não estarmos lidando com um ambiente, senão simplesmente com uma máquina. A ecologia midiática pretende tornar explícitas essas especificações, tratando de encontrar que papéis os meios nos forcem a desempenhar, como os meios estruturam o que estamos vendo e por que razão eles nos fazem sentir e atuar do modo como o fazemos. A Ecologia dos Meios é o estudo dos meios como ambientes.

A “Media Ecology” também é conhecida como Escola de Toronto, Escola de ova York, Mediologia, Escola de São Luís ou Escola Norte-americana da Comunicação. Na Ecologia dos Meios

⁴ Elizabeth Eisenstein: historiadora norte-americana, pesquisou o início da escrita na história da comunicação e a transição para a era da cultura escrita. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Erick Havelock: nascido na Inglaterra em 1903, foi professor da Universidade de Toronto e ativista do movimento socialista canadense na década de 1930. Faleceu em 1988. (Nota da IHU On-Line)

“Um ambiente é, enfim, um complexo sistema de mensagens que impõe ao ser humano certas formas de pensar, sentir e atuar”

a “fatalidade” das mudanças tecnológicas admite ser compreendida como princípio “ecológico”. Os meios e as tecnologias, afirmou McLuhan, são extensões do homem e aceleradores da vida sensorial: “qualquer meio afeta em seguida o campo inteiro dos sentidos”, disse o pesquisador.

IHU On-Line - Como os estudos de Marshall McLuhan podem ser utilizados por professores de Comunicação nas salas de aula?

Octavio Islas - Não há nada mais prático do que uma boa teoria, e não são poucos os principais promotores de desenvolvimento da internet que têm destacado a utilidade e pertinência das teses de McLuhan. O pesquisador canadense deve ser reconhecido como ponto de partida obrigatório no estudo das comunicações digitais.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o determinismo tecnológico de algumas obras de McLuhan?

Octavio Islas - O termo determinismo tecnológico foi proposto por pessoas que ignoram a existência da Ecologia dos Meios e foi adotado por detratores de McLuhan na América Latina, pessoas que o consideram funcionalista. Eles acreditam que o pesquisador nasceu nos Estados Unidos, mas, na realidade, McLuhan era canadense.

O próprio McLuhan, mas principalmente Neil Postman, deve ser considerado como um dos principais críticos

do determinismo tecnológico. Postman trabalhou particularmente com a televisão.

IHU On-Line - Como pode hoje ser feita uma análise da relação entre o homem e a tecnologia da informação?

Octavio Islas - Atualmente temos muitos estudos sobre o assunto, desde a perspectiva da ecologia dos meios. Lance Strate,⁶ por exemplo, é autor de uma interessante pesquisa sobre o emprego do telefone celular no trânsito, enquanto as pessoas conduzem um automóvel. Ele partiu da consideração de que o celular é um meio frio, de baixa definição, que necessita ser complementado - e por isso simplesmente distrai os condutores ou motoristas. A cada ano se apresentam estudos realizados desde a perspectiva da Ecologia dos Meios numa convenção anual, e o tema segue em debate. Por cumprir-se, neste ano, o 100º aniversário natalício de McLuhan, a convenção realizar-se-á no mês de julho, em Alberta, Canadá, onde serão discutidos assuntos cada vez mais atuais.

IHU On-Line - Redes sociais, como Twitter e Facebook, já podem ser consideradas extensões do homem?

Octavio Islas - Primeiro devemos reconhecer os ambientes midiáticos resultantes do desenvolvimento da Internet 2.0 - a blogosfera e a twittosfera -, por exemplo. As redes sociais, entretanto, admitem ser consideradas como prolongações de nossas veias e artérias na conformação do ser social, e estendem e multiplicam as possibilidades de sociabilidade nas pessoas.

⁶ Lance Strate: professor norte-americano de Comunicação e Estudos da Mídia da Fordham University, de Nova York, e especialista em questões sobre comunicação e ciberespaço, interações sociais e ambientes eletrônicos. (Nota da IHU On-Line)

twitter.com/_ihu

McLuhan, da filosofia pop ao ostracismo

Para Francisco Rüdiger, doutor em Sociologia, a técnica se tornou, em sua forma alienada, objeto de crença do homem contemporâneo

POR ANELISE ZANONI

Observada superficialmente, a técnica, aperfeiçoada por meio da máquina, deveria ser objeto facilitador das relações e do tempo. Inserida na cultura de massa, sob o vértice de ferramentas cada vez mais sedutoras, ela é capaz de intimidar a reflexão. Surge nesse processo o que Francisco Rüdiger chama de “a inibição da reflexão crítica e independente, o incentivo estrutural de nossa época à banalidade”.

Nesse mundo paralelo criado com a modernização, o pesquisador acredita que o interessante será saber se, no futuro, haverá indivíduos capazes de estabelecer uma relação crítica e independente com a técnica.

Em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, Rüdiger faz uma análise sobre o pensamento de Marshall McLuhan, o qual considera “o filósofo pop” cujas ideias caíram no ostracismo. Para ele, o pesquisador canadense se converteu em “guru de uma nova geração, porta-voz do espírito do tempo, filósofo ‘da’ comunicação de massas e suas tecnologias”. Dentro desse contexto, o que se percebe é “a dependência imanente do homem moderno aos meios tecnológicos”.

Graduado em Comunicação e História, Francisco Rüdiger é doutor em Ciências Sociais pela USP e professor titular da faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Seus estudos concentram-se no campo da crítica à indústria cultural e nos estudos sobre pensamento tecnológico e cibercultura. Entre seus livros, destaca-se *Cibercultura e Pós-Humanismo* (Edipucrs, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na época em que lançou os primeiros livros, McLuhan fez previsões pontuais sobre a era da tecnologia. Como o senhor analisa as obras do autor tendo em vista o momento em que vivemos hoje?

Francisco Rüdiger - McLuhan começou a carreira como acadêmico tradicional, mas no começo dos anos 1960 seu pensamento passou por uma reviravolta. O crítico da cultura e o historiador dos meios de comunicação se converteram em filósofo pop. A cultura de massa, inicialmente alvo de sua análise crítica, passou a ser o clima em que seu pensamento começou a respirar. McLuhan se converteu em guru de uma nova geração, porta-voz do espírito do tempo, filósofo “da” comunicação de massas e suas tecnologias. Depois que passou sua onda, no final dos anos 1970, suas ideias caíram no ostracismo, passando a ser alvo de uma reapropriação mais serena, embora não

menos radical, em vários centros de reflexão intelectual, mas, sobretudo, na Alemanha e, mais recentemente, na América do Norte. Atualmente ele é visto como um dos principais precursores da chamada teoria das mídias, uma corrente segundo a qual o pensamento e a cultura não valem pelo que têm de conteúdo, mas pelos veículos (e a tecnologia dos veículos) que os agenciam historicamente.

IHU On-Line - Pode-se interpretar que McLuhan acreditava na evolução das culturas a partir dos reflexos da tecnologia. Como os novos modelos estão afetando o pensamento do homem contemporâneo?

Francisco Rüdiger - As tecnologias de informação são logotécnicas: elas interferem diretamente na própria linguagem, tornando-se especializada e responsável por processamentos de informação cada vez mais automáticos

e opacos à humanidade. O resultado é uma tendência à contenção do pensamento reflexivo mais elaborado, à inibição da reflexão crítica e independente, ao incentivo estrutural de nossa época à banalidade intelectual, ao pensamento fragmentado e estéril, etc.

IHU On-Line - Essa mudança de pensamento justificaria o fato de o homem ter tanta dificuldade de viver sem alguns artefatos como o computador e o telefone celular?

Francisco Rüdiger - O homem é produto da história. A história dos últimos quatro séculos está marcada pelo avanço das tecnologias sobre todos os campos da vida. Os que chegam ao mundo são recebidos por uma ordem que se articula cada vez mais, entre outras bases, pelos seus maquinismos e aparatos. Origina-se daí, sem que ele perceba, a dependência imanente do homem moderno aos meios tecnológicos: estes

estruturam seu mundo, para não dizer que estruturam cada vez mais o próprio modo de ser humano.

IHU On-Line - Em sua opinião, vivemos uma aldeia global, como a profetizada por McLuhan, ou em grupos que cada vez se segmentam mais graças às redes sociais?

Francisco Rüdiger - A aldeia global significa que o mundo está interligado em escala planetária, mas o que tende a predominar pelos seus canais e vias de circulação são o pensamento provinciano, as ideias imediatas, as preocupações locais, o espírito aldeão, a mediocridade ordinária. As redes sociais são foros de exposição e discussão de tópicos canhestros, em sua maior parte. A consciência global que, apesar de tudo, cresce, é bloqueado em seu potencial transformador, do seu eventual cosmopolitismo, por uma dinâmica social e histórica que tende a prender nossa consciência no imediato, nas relações cotidianas mais banais, num culto do eu bastante pobre do ponto de vista espiritual.

IHU On-Line - Há mais de três décadas McLuhan descreveu os efeitos da TV sobre o homem. O senhor considera esse efeito semelhante ao da internet na vida das pessoas?

Francisco Rüdiger - A televisão tradicional obedecia a uma lógica pautada,

“As redes sociais são foros de exposição e discussão de tópicos canhestros, em sua maior parte”

no imediato, pela concentração do polo emissor em poucas vozes. A internet ruma em sentido contrário, caracterizando-se pelos movimentos de muitos para muitos, ao menos imediatamente. O fundamental me parece ser que, tanto num esquema como no outro, o essencial continua a depender do indivíduo e das oportunidades que ele eventualmente pode ter para fazer frente a estas situações coletivas e, a partir dos recursos que encontra nos meios de comunicação existentes, embora não só neles, constituir-se em figura capaz de conduzir a própria vida de maneira mais consciente e independente.

IHU On-Line - Como podemos avaliar o efeito da mídia com o surgimento das convergências midiáticas?

Francisco Rüdiger - As convergências, em sentido tecnológico, não têm, em si mesmas, efeito algum. Os efeitos que podemos tentar analisar nascem

dos processos de apropriação e emprego dos recursos com elas surgidos por parte dos sujeitos. Milhões usarão o YouTube para postar vídeos idiotas e expressar seu simplorismo. Sempre haverá, entretanto, aqueles que encontrarão neste ambiente a chance de compartilhar materiais audiovisuais raros e valiosos, que serão de grande auxílio para outros poucos desenvolverem ainda mais sua formação política, moral e intelectual, por exemplo.

IHU On-Line - Quais seriam os novos desafios do homem - daqui a alguns anos - em relação à técnica?

Francisco Rüdiger - Para mim, o homem está já tomado pela técnica e, por isso, os desafios que ele tem pela frente não são os da técnica, mas os tecnicamente configurados. A técnica se tornou, em sua forma alienada, através da máquina, objeto de crença do homem contemporâneo. Daqui a alguns anos, o interessante será saber se ainda há indivíduos capazes de estabelecer uma relação crítica e independente com a técnica em número significativo socialmente. Mas também nada impede que o fetichismo tecnológico sucumba diante de outro irracionalismo, na medida em que este for capaz de tocar no que desperta nossas paixões mais profundas e, por extensão, nossos impulsos mais loucos, do ponto de vista histórico.

4 de maio

**Ciclo de Palestras: Renda básica de cidadania
Emancipação cidadã e autonomia.**

**Palestrante: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva -
Unicamp**

Informações: www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Artigo da Semana

Da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização

“A sociedade em midiatização constitui o caldo cultural onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência, um novo modo de ser no mundo, que caracteriza a sociedade atual. Comunicação e sociedade, imbricadas na produção de sentido, articulam-se nesse caldo de cultura que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico. Mais do que um estágio na evolução, ele é um salto qualitativo que estabelece o totalmente novo na sociedade.”

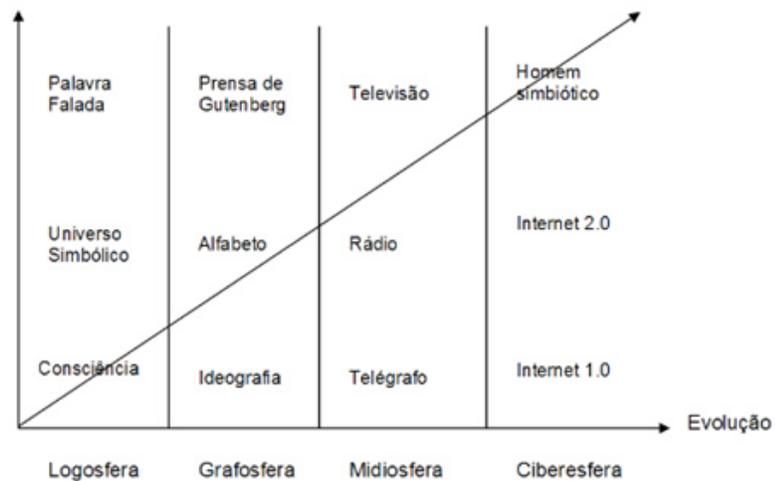
A análise é de Pedro Gilberto Gomes, jesuíta, pró-reitor acadêmico da Unisinos, professor e pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação, graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS, e especialista em Teologia pela Universidade Católica de Santiago, no Chile. É ainda mestre e doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Entre suas obras, destacamos *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização* (Ed. Paulinas, 2010) e *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade* (Ed. Unisinos, 2006). Eis o artigo.

A trajetória da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização é um processo lento e gradual que se desenvolve em dois eixos profundamente interligados. De um lado, temos o eixo do tempo que nos insere na perspectiva de uma evolução cronológica que vai dos primórdios da consciência e chega aos dias atuais. O segundo eixo situa-se na dimensão qualitativa, de complexidade cada vez mais crescente nas relações, inter-relações e interconexões humanas. É a bisetriz de ambos que espelha a flecha simbólica da evolução humana. Sobre a situação, Joel Rosnay¹ afirma:

Estamos prestes a viver uma mudança de paradigma. Penso que essa mudança de paradigma e essa transição entre a sociedade industrial e a sociedade informacional são a causa de alguns dos grandes problemas que temos hoje, tanto sociológicos quanto socioeconômicos, políticos ou culturais. Frente a essas mudanças, devem-se fazer três coisas. Em primeiro lugar, entender; em segundo, experimentar; e em terceiro, aprender.

Entender. Não se trata de deixar passar esta revolução tecnológica pretextando que se trata de tecnologia e que é

¹ ROSNAY, Joël de. “Un cambio de era”. In RAMONET, Ignacio. *La post-televisión. Multimedia, Internet y Globalización*. Madrid: Icaria, sd., p.17-32. (Nota do autor)



mais uma que se soma às outras. Não, já não estamos nas lógicas de substituição, mas nas lógicas de integração. Lógicas de integração que abrem novos espaços. Depois da logosfera da linguagem, limitada pelo espaço e tempo, da grafosfera da escritura, não limitada nem no tempo nem no espaço, e da mídiosfera da televisão, entramos na ciberesfera, das comunicações eletrônicas. Temos que inventar novas relações que sejam compatíveis com isso, caso contrário outros irão conquistar este novo espaço no nosso lugar. Deve-se entender, portanto, essas ferramentas².

² Idem, p. 31. (Nota do autor)

O quadro abaixo³ visibiliza essa evolução que vai do surgimento da logosfera até a ciberesfera, passando pela grafosfera e pela mídiosfera, na linha do tempo. A cada estágio corresponde estágios de complexidades no processo de inter-relação social. (Imagem acima)

O primeiro estágio evolutivo do ser humano aconteceu com o brotar na consciência, caracterizado pela logosfera. O desenvolvimento do universo simbólico chega ao seu ápice com a pala-

³ Este quadro foi montado a partir de um quadro semelhante da evolução humana, de Teilhard de Chardin, no qual foram incorporadas as eras da comunicação expressas por Rosnay. (Nota do autor)

vra falada, consequência do gregarismo e da necessidade de se reagrupar e se defender dos embates com a natureza. É a fase da oralidade e a consolidação da aldeia. Emerge o poder dos anciãos como guardiães das tradições e educadores das novas gerações. Competia a essa classe a responsabilidade de transmitir aos jovens as conquistas, mitos e histórias primordiais da tribo.

Esse processo sofre uma transformação substancial com a invenção da escrita. Essa fase começou com os ideogramas, com os sinais sagrados. Nesse momento ainda havia a concentração do poder e a dissociação entre olho e ouvido não alcançara o seu ponto mais extremo. Com a invenção do alfabeto, o olho se independizou. Houve uma fragmentação dos sentidos com a consequente destribalização. Com isso, rompeu-se o poder dos anciãos, pois a memória da tribo podia, agora, ser armazenada. Ao mesmo tempo, entretanto, que significava um avanço qualitativo nas relações sociais, introduziu a categoria do analfabeto. O auge da grafosfera aconteceu com a invenção dos tipos móveis, por **Gutenberg**, no século XV. Houve o desenvolvimento das línguas nacionais (quebra do monopólio do latim) e o surgimento dos estados independentes. A destribalização atinge o seu ápice.

Um terceiro estágio evolutivo representou uma volta à tribo: a mídiósfera. A eletricidade proporcionou o desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação: telégrafo, cinema, rádio e a televisão. Esta última levou ao extremo o processo de retribalização. Criou-se uma comunidade verbo-oral. A TV traz a linguagem da evidência. Até aqui se configura o que pode chamar de sociedade dos meios. Depois da quebra do paradigma da oralidade com a invenção da escrita, a humanidade foi aperfeiçoando e sofisticando seus dispositivos comunicacionais num nível de complexidade crescente. O desenvolvimento da técnica esteve (e está) umbilicalmente unido à especialização dos meios de comunicação.

Não obstante, essa volta à tribo, a retribalização de **McLuhan**, estrutura-se em bases totalmente distintas. Não é um retorno idílico ao passado oral, mas a uma dimensão de aldeia global:

uma glo(tri)balização. É a síntese de algo novo com elementos do passado.

Entretanto, tal como aconteceu com a passagem da oralidade à grafia, em determinado momento, aquilo que parecia ser mais um elemento de complexificação da tecnologia existente, um degrau a mais a ser galgado no plano do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, teve conseqüências radicais para o modo de ser no mundo social.

Portanto, esse quarto estágio não é apenas um passo a mais no processo de evolução. A ciberesfera representa um salto qualitativo, com tanta força de rompimento quanto o foi a invenção da escrita. Hoje acontece o que se poderia nomear de salto quântico no processo de evolução social. Contudo, esse salto acontece silenciosamente e vai transformando a existência da humanidade. Da Internet 1.0, passando pela Internet 2.0, estamos observando, lentamente, a configuração de um homem simbiótico, na feliz expressão de **Joel Rosnay**⁴.

O primeiro que anteviu isso foi Pierre Teilhard de Chardin. Wolfe comenta que, para o jesuíta francês, *Deus estava dirigindo, nesse exato momento, o século XX, a evolução do homem para a noosfera (...) uma unificação de todos os sistemas nervosos humanos, todas as almas humanas, por meio da tecnologia*⁵. Teilhard de Chardin menciona o rádio, a televisão e os computadores em especial com pormenores consideráveis, e alude à cibernética. [...] Esta tecnologia estava criando um “sistema nervoso para a humanidade”, escreveu ele, “uma membrana única, organizada, inteiriça sobre a terra”, “uma estupenda máquina pensante”. [...] “A era da civilização terminou”, e a da “civilização unificada está começando”⁶.

Wolfe identifica a noosfera, a membrana inteiriça aduzida por Chardin, com a rede inconsútil de McLuhan. Para ele, a civilização unificada não é outra coisa que a aldeia global do pensador canadense. Ainda citando Teilhard, Wolfe constata:

4 ROSNAY, Joel. *Homem simbiótico*. Perspectivas para o Terceiro Milênio. Petrópolis: Vozes, 1997. (Nota do autor)

5 WOLFE, Tom. “Introdução”. In: MCLUHAN, Marshall. *McLuhnan por McLuhan*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 17. (Nota do autor)

6 Idem ibidem. (Nota do autor)

Podemos pensar, escreveu Teilhard, que essas tecnologias são artificiais e completamente “exteriores aos nossos corpos”, mas na realidade elas são parte da evolução “natural, profunda”, do nosso sistema nervoso. Podemos pensar que estamos apenas nos divertindo”, ao usá-las, “ou apenas desenvolvendo o nosso comércio, ou apenas propagando idéias. Na realidade, o que estamos fazendo é nada menos do que continuar num plano superior, por outros meios, a obra ininterrupta da evolução biológica. Ou, para dizer de outro modo, completa Wolfe: “O meio é a mensagem”⁷

A produção de Teilhard de Chardin é vasta e abrangente. Entretanto, para o que aqui nos interessa, basta-nos o seu livro sobre o futuro do homem. Numa série de conferências publicadas ao longo da década de 1940, Teilhard traça uma linha de reflexão que procura compreender para onde caminha a humanidade, tendo em conta o crescimento populacional e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Nesse sentido, afirma:

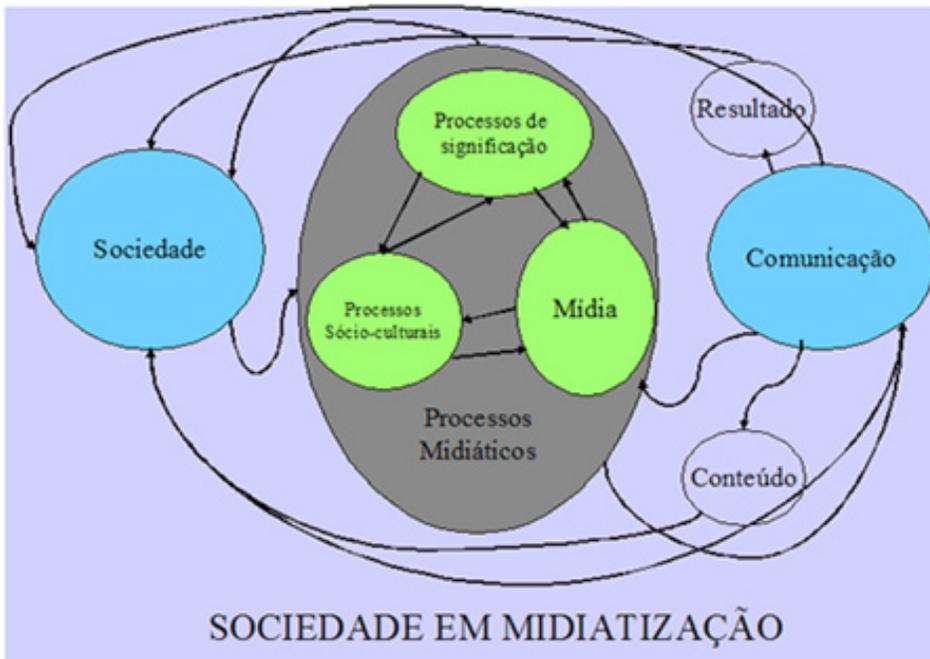
Sobre a superfície geometricamente limitada da Terra, constantemente encolhidas pelo crescimento de seu raio de ação, as partículas humanas não só se multiplicam cada dia mais, mas, por reação a seus mútuos roçares, desenvolvem ao redor de si, automaticamente, uma madeixa cada vez mais densa de conexões econômicas e sociais. Ainda mais: exposta cada uma delas, até ao seu âmago, às enumeráveis influências espirituais emanadas a cada instante do pensamento, da vontade, das paixões de todas as demais, encontram-se constantemente submetidas interiormente a um regime forçado de ressonância. (...) Não é evidente que uma só direção permanece aberta ao movimento que nos arrasta: a de uma unificação sempre crescente? (...) Ao mesmo tempo em que a Terra envelhece mais depressa se contrai sua película vivente⁸.

No caso do ser humano, sublinha, igualmente, sua ascensão psíquica correlativa à socialização pela:

- Aparição de uma memória coletiva onde se acumula por experiências acumuladas e se transmite por educação

7 Idem, p. 18. (Nota do autor)

8 CHARDIN, Pierre Teilhard de. *El Porvenir del Hombre*. Madrid: Taurus, 1962, p. 67. (Nota do autor)



uma herança geral da humanidade;

- Desenvolvimento, por transmissão cada vez mais rápida do pensamento, de uma verdadeira rede nervosa que se envolve, a partir de certos centros definidos, a superfície inteira da Terra;

- Emergência, por concurso e concentração cada vez mais avançada dos pontos de vista individuais, de uma faculdade de visão comum que se funde, além do Mundo contínuo e estático das representações vulgares, num Universo fantástico, e, não obstante, dominável, de energia atomizada⁹.

É importante que se retenha o que ele afirma do desenvolvimento de uma rede nervosa que envolve a superfície da terra. Desse modo, sublinha:

Ao nosso redor, tangível e materialmente, o invólucro pensante da Terra - a Noosfera - multiplica suas fibras internas, estreita suas redes; e, simultaneamente, eleva-se sua temperatura interior, sobe o seu psiquismo. É impossível se enganar com esses dois signos associados. Sob o véu, sob a forma da coletivização humana, continua sua marcha para frente a super-organização da matéria sobre si mesma, com seu efeito habitual, específico, de uma liberação de consciência. E, pela própria natureza dos elementos postos em jogo, o processo não poderá alcançar seu equilíbrio a não ser quando, ao redor do globo, o "quantum" humano

encontre-se não só (...) circundado sobre si mesmo, mas também organicamente totalizado¹⁰.

Marshall McLuhan, quase um quarto de século depois, vai assumir muito dessa posição quando afirma: "Os meios elétricos tendem a criar uma espécie de interdependência orgânica entre todas as instituições da sociedade, o que dá nova ênfase ao parecer de Chardin de que a descoberta do eletromagnetismo deve ser considerada como um 'prodigioso acontecimento biológico'. Se as instituições políticas e comerciais adquirem um caráter biológico por força dos meios elétricos de comunicação, é agora explicável que biólogos como Hans Selye pensem no organismo físico em termos de rede de comunicação"¹¹.

De uma maneira mais simplificada, tentando exemplificar graficamente, o esquema abaixo fornece elementos para se compreender o que está acontecendo hoje nesse estágio da ciberesfera. O mapa sistêmico expressa a vertebração do processo de midiática-tização hoje vivido. Sociedade em midiática-tização é o ambiente novo, mais amplo e mais básico do que a concepção de uma sociedade dos meios, ancorada na visão dos meios apenas como dispositivos tecnológicos de comunicação. (Imagem acima)

¹⁰ Idem, p. 163. (Nota do autor)

¹¹ MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução: Décio Pignatari. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1996. (Nota do autor)

O mapa sistêmico mostra a sociedade na sua dinâmica de comunicação, mostrando a relação entre conteúdo e resultado. É a comunicação que constitui a sociedade, cujo conteúdo expressa toda a sua vida: passado, presente, futuro, histórias, sonhos etc. O resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. O processo comunicacional possibilita o avanço progressivo da sociedade em níveis cada vez mais complexos. O relacionamento da mídia tanto com os processos de significação quanto com os processos sócio-culturais expressam a realidade e se dá no marco dos processos midiáticos. Esses dois movimentos, além disso, interagem para a construção do sentido social.

Hoje, com o advento da tecnologia digital, essas inter-relações se complexificaram e ampliaram, criando uma nova ambiência. No mapa sistêmico apresentado, todos os inter-relacionamentos comunicacionais bem como os processos midiáticos ocorrem no caldo cultural da midiática-tização. Portanto, a realidade da sociedade em midiática-tização supera e engloba as particulares dinâmicas que a sociedade engendra para se comunicar. O meio social é modificado. A tela de fundo, o marco dentro dos quais interagem as dinâmicas sociais, é gerado pela assunção da realidade digital. A virtualidade digital traz como consequência a estruturação de um novo modo de ser no mundo. As inter-relações recebem uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente, em relação ao modo de ser na sociedade até então. O processo humano de comunicação é potencializado, na sociedade contemporânea, pela sofisticação de seus meios eletrônicos.

A sociedade em midiática-tização constitui, nessa perspectiva, o caldo cultural, repetimos, onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência, um novo modo de ser no mundo, que caracteriza a sociedade atual. Comunicação e sociedade, imbricadas na produção de sentido, articulam-se nesse caldo de cultura que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico. Mais do que um estágio na evolução, ele é um salto qualitativo que estabelece o totalmente novo na sociedade.

⁹ Idem, p. 162. (Nota do autor)

“A sociedade mediatizada não é uma sociedade feliz”

Compulsão, cobrança invisível e apelo de conexão permanente são imperativos que surgem em nossa época, aponta **Ciro Marcondes Filho**. É fundamental que os jornalistas possuam “distância crítica” para não serem devorados pela máquina

POR MÁRCIA JUNGES

Um imperativo irreal e cruel diz às pessoas que elas devem estar constantemente “disponíveis” através das novas tecnologias. Caso contrário, estão mortas, ou se tornaram jurássicas. Essa sociedade mediatizada está longe de ser feliz, alfineta o jornalista **Ciro Marcondes Filho** na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. “A vida na web depende da submissão do usuário à ditadura da conexão permanente; o sofrimento e a depressão de cada um se constroem pela pouca quantidade de visitas à sua página no Facebook”.

A respeito dos jornalistas frente a esse quadro de verdadeiro desespero por conexão e atualidade ininterruptas, provoca: “Quando os homens se submetem à máquina, eles desaparecem nela, ela os devora. Quando eles se colocam numa distância crítica, têm chance de ver além do horizonte técnico e reagir a ele, sobrevivendo”. **Ciro Marcondes** analisa, ainda, os desafios da profissão de jornalista em nossos dias: “estamos diante de um novo jornalismo, mas não diante de uma nova comunicação”, e completa: “o jornalista não tem escolha: ou se transforma ou morre. Uma sociedade pode sobreviver sem jornalistas, mas isso será trágico. Será uma sociedade de shopping centers globais, onde só serão aceitas regras pasteurizadas e ascéticas de convivência, onde a vida será mantida artificialmente, onde qualquer reação mais humana será perseguida por ser perigosamente subversiva”.

Jornalista e sociólogo graduado pela Universidade de São Paulo - USP, **Circo Marcondes Filho** é mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia da Comunicação pela mesma instituição com a tese *Comunicação, ideologia e dominação*. cursou pós-doutorado na Universidade Stendhal, de Grenoble, e é livre docente pela USP. Professor e pesquisa da Escola de Comunicação e Artes - ECA da USP, é autor de dezenas de obras, das quais destacamos: *O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. Nova Teoria da Comunicação, Vol. III, Tomo 5* (São Paulo: Paulus, 2010), *A comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo. Nova Teoria da Comunicação, vol. III, Tomo 1* (São Paulo: Paulus, 2010) e *Ser jornalista - A língua como barbárie e a notícia como mercadoria* (São Paulo: Paulus, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que aspectos a comunicação não é uma ciência aplicada?

Ciro Marcondes Filho - A princípio, usar a expressão “comunicação como ciência aplicada” significa o mesmo que dizer que comunicação não é nenhuma prática científica, nenhum saber específico, nenhum campo próprio de investigação mas algo menor, acessório, complementar, espécie de “espaço de aplicação” de outros saberes, esses sim, sólidos, constituídos e reconhecidos, como seria, por exemplo, o caso da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, etc. Comunicação efeti-

vamente não é isso, não é aplicação de nada; é produção de um conhecimento próprio, específico, único. Já é hora de as instituições de fomento e apoio às pesquisas reformularem suas classificações e situar a Comunicação no conjunto de saberes reconhecidos e validados pela comunidade científica.

IHU On-Line - Quais seriam as bases para a reivindicação de maioridade desse saber?

Ciro Marcondes Filho - A Comunicação tem condições de propor as bases para sua consolidação, em primeiro lugar, pelo fato de estar concentrando suas

preocupações na definição de seu objeto próprio, a comunicação, que não é trabalhado por nenhuma das demais ciências humanas e, em segundo lugar, por propor uma forma específica de investigá-lo, derivada dessa mesma definição de objeto. As perguntas que esta área do conhecimento se faz são “O que é comunicar?”, “O que se entende intrinsecamente por ‘comunicação?’”, “Qual é a natureza deste processo?” Desta maneira, a comunicação disporia de um núcleo epistêmico específico e exclusivo, que seria o dos estudos dos processos e do acontecimento comunicacional.

A forma de estudá-la não é por meio dos atuais métodos de pesquisa, pois estes derivam de outros contextos de conhecimento, são produtos de outras visões de mundo, outras filosofias, de outro lastro histórico. Em última análise, eles estão subordinados a um modo de proceder de engessa a pesquisa comunicacional, cujo objeto é, por natureza, movente, oscilante, instantâneo e subordinado a condições e situações que só se dão uma única vez. A ciência da comunicação propõe ao campo do saber uma forma própria de realização de suas investigações partindo de uma história epistemológica diferenciada, de origens filosóficas próprias e de uma base que vem desde a Antiguidade clássica, passando pelo pensamento ocidental moderno, chegando até as colaborações da fenomenologia, do construtivismo, e da filosofia existencial. Comunicação é um saber que nasce da Filosofia. Seu modo de realização inspira-se na apreensão estética e sua prática teórica é tributária da literatura.

IHU On-Line - Quais são os grandes desafios da comunicação para os próximos anos em face do avanço tecnológico e da midiatização?

Ciro Marcondes Filho - A área de comunicação é o setor do conhecimento mais próximo das questões relacionadas ao uso das tecnologias *online* para produção e emissão de sinais, dados e conteúdos. Cada vez mais as sociedades estarão engajadas neste complexo sistema tecnológico e cada vez mais os relacionamentos humanos, os contatos, as trocas de toda natureza passarão pela mediação técnica. Somente a ciência da comunicação tem condições de poder aprofundar a investigação de seus processos e resultados. Esse, seu maior desafio, a coloca como área do saber prioritária para essas investigações.

IHU On-Line - Que tipo de jornalista se configura e faz necessário a partir desse cenário?

Ciro Marcondes Filho - A prática jornalística tem sofrido forte influência da mudança tecnológica e tem se visto diante de desafios que ultrapassam as grandes questões políticas do passado, as dificuldades econômicas da ori-

“Comunicação é um saber que nasce da Filosofia, seu modo de realização inspira-se na apreensão estética e sua prática teórica é tributária da literatura”

gem do jornalismo, a periculosidade excepcional dos correspondentes de guerra de todos os tempos. Trata-se hoje, muito mais do que tudo isso, do próprio perfil da profissão que se vê diante de um sistema que produz, ele mesmo, continuamente fatos e novidades, revela notícias retumbantes e se atualiza mais rapidamente do que a própria imprensa. Não bastasse isso, mesmo a comunidade de usuários, formada por centenas de milhões de pessoas, tornou-se, ela também, “colaboradora” na produção de fatos e factoides jornalísticos. Visto dessa maneira, a prática jornalística se vê hoje inundada por essa verdadeira enxurrada informacional que lhe impõe uma séria e radical revisão de sua atuação e de sua importância para não submergir totalmente a essa situação.

IHU On-Line - Existe uma crítica ao excessivo tecnicismo dos cursos de jornalismo, por terem certa carência nas áreas humanas. Esse cenário será agravado com o constante incremento de tecnologias e suas demandas na rotina da profissão?

Ciro Marcondes Filho - Os cursos de jornalismo demonstram no Brasil duas tendências muito claras. De um lado estão aqueles que pretendem reduzi-lo a uma função meramente técnica e convencional de produção de notícias, a um papel secundário na ordem da política, da economia, da cultura e da sociedade. É o setor mais retrógrado do ensino de jornalismo. Os professores não vêm da academia, são antes ex-jornalistas pouco familiarizados com a prática científica, cujo trabalho é apenas repassar uma experiência

profissional repetitiva e desgastada ou, então, são acadêmicos teoricamente mais frágeis, que buscam compensar sua inconsistência intelectual através da defesa de guetos autoenclausurados mas politicamente ativos. É o mesmo setor que pretende separar o ensino de jornalismo dos cursos de comunicação e aspira reduzir o jornalismo a uma formação profissionalizante comum, banal. Do outro lado estão os cursos sintonizados com a necessidade de formação teórica e intelectual do profissional de imprensa para capacitá-lo aos desafios contemporâneos, principalmente diante da velocidade das mudanças da sociedade atual. Os jornalistas formados por faculdades do primeiro tipo serão fatalmente jornalistas triviais, o proletariado da redação, mal pagos e desvalorizados, exatamente porque, formados segundo princípios somente técnicos, não dispõem de capital cultural e intelectual para fazer valer sua posição no mercado. Aqueles que são formados por faculdades do segundo tipo são os únicos que poderão aspirar postos de importância na imprensa brasileira, visto que estarão à altura dos desafios que não são apenas técnicos, mas que exigem uma inserção social mais crítica e com efeitos mais duradouros.

Cursos tecnicistas

Naturalmente, o conflito entre esses dois estilos de formação ficará mais agravado com a tendência da tecnologia em rotinizar a profissão e destituir o jornalista de sua diferença em relação a outros profissionais midiáticos. Os cursos tecnicistas estarão, por isso, cada vez menos capacitados a enfrentar o desafio tecnológico por serem antiquados e comandados por professores muito aquém das altas exigências da tecnologia. Para estar em fase com o desenvolvimento da informatização e da sucessão de transformações, o profissional precisaria estar intelectualmente capacitado a uma visão a distância do processo, a um horizonte que transcenda o reducionismo da tecnologia. Quando os homens se submetem à máquina, eles desaparecem nela, ela os devora. Quando eles se colocam numa distância crítica,

têm chance de ver além do horizonte técnico e reagir a ele, sobrevivendo.

IHU On-Line - Já se pode falar em outro jornalismo e em outra comunicação? Por quê?

Ciro Marcondes Filho - Sim, estamos diante de um novo jornalismo mas não diante de uma nova comunicação. O novo jornalismo opera de modo online, considera todas as movimentações que aparecem na tela, sejam elas de blogs, twitters, facebook, em suma, tudo que desponta como tema especial dentro da enxurrada de acontecimentos banais e triviais que preenchem todos os dias as telas dos computadores. A fonte tornou-se menos exclusiva, a velocidade passou a ser maior, a checagem e a avaliação dos efeitos tornaram-se mais irresponsáveis, há mais perigos no ar. Os boatos, que demoravam algum tempo para se diluir, mas que ainda poderiam ser corrigidos, têm, na atualidade, a plena realização de seu percurso noticioso e circulam agora plenamente como verdade, expondo pessoas diariamente na imprensa. O Twitter veio para dinamizar ainda mais esse processo e sua periculosidade e diante dele, todos são caluniadores em potencial. Os riscos para o cidadão comum, assim como para o político, cresceram exponencialmente.

Todas as tendências conhecidas da história do jornalismo (sua origem na esfera pública burguesa do século XIX, sua transformação em imprensa de massa, a crise diante dos regimes totalitários) foram deixadas para trás diante da revolução da informática, ocorrida a partir das últimas décadas do século XX. Tudo isso, de alguma forma, já foi tratado no meu *A saga dos cães perdidos*. Mas, já nesse livro, que é do ano 2000, eu anunciava que o profissional de imprensa estava mais ou menos perdido diante da imensa transformação que estava por vir. Colocado diante dela, o jornalista não tem escolha: ou se transforma ou morre. Uma sociedade pode sobreviver sem jornalistas, mas isso será trágico. Será uma sociedade de shopping centers globais, onde só serão aceitas regras pasteurizadas e ascéticas de convivência, onde a vida será mantida

“Os cursos ‘tecnicistas’ estarão cada vez menos capacitados a enfrentar o desafio tecnológico por serem antiquados e comandados por professores muito aquém das altas exigências da tecnologia”

artificialmente, onde qualquer reação mais humana será perseguida por ser perigosamente subversiva. Algo no estilo do *Fahrenheit 451* (Truffaut, 1966): o campo de concentração total, perfumado e estilizado.

IHU On-Line - De forma geral, o que podemos entender por mediação? O que caracteriza essa nova “ambiente” em que as novas tecnologias se tornam meios de comunicação também?

Ciro Marcondes Filho - Prefiro utilizar o termo mediação, visto que “mediação” é uma excrescência linguística, que deve ser evitada, como, aliás, tudo ligado ao termo mídia. As tecnologias não são apenas máquinas, aparelhos, redes e sistemas internacionais de comunicação. Isso ainda está no plano dos *hardwares*. As tecnologias constituem mundos, criam universos paralelos, ambientes de contato, convívio, relacionamento. Não me parece que eles “comunicam”, pelo menos no sentido que me parece correto, pois, comunicação é, antes de tudo, quebra de normas, desafio, trepidação das ideias, saída dos lugares-comuns, abandono do convencional e transformação, mudança, alteração da pessoa ou do conjunto social que a recebe. Assim, as tecnologias são ambientes, contextos de operação, complexos de situação. Não é, no entanto, por isso que elas não comunicam. Comunicam, isso sim, pelo fato de não trazerem em si o componente da alteridade, daqui-

lo que está imbuído de vida, tanto nos contatos humanos quanto nos contatos de pessoas com produtos culturais (filmes, livros, peças, instalações, etc.).

IHU On-Line - Em que medida podemos entender a mediação como fruto da sociedade da informação?

Ciro Marcondes Filho - Ela não é fruto da sociedade da informação; ela é resultado da sobreposição de mundos. O mundo da informatização, surgido do desenvolvimento da cibernética durante a Segunda Guerra Mundial, instalou-se no quadro da civilização ocidental como um *novo mundo*. A chamada “sociedade da informação” tem sua origem, talvez, num quadro mais remoto, no início do século XX, quando toda a cultura e o pensamento do Ocidente promoveram a grande virada cultural, que foi a criação de uma segunda realidade, a realidade medial, com a introdução do rádio, do cinema de massas, da imprensa de tiragens milionárias, da indústria publicitária, depois, com a televisão. A sociedade se torna da comunicação e da informação no momento em que todos os sistemas técnicos voltam-se à difusão em larga escala, padronizando notícias, acontecimentos, fatos sociais, criando aquilo que McLuhan, nos anos 1960, havia denominado de aldeia global.

IHU On-Line - O que marca a transformação da “sociedade dos meios” para a “sociedade midiática”?

Ciro Marcondes Filho - Essas são definições polêmicas e jogam com usos linguísticos equivocados. A sociedade dos meios, dos meios de comunicação “de massa” (como os vistos acima: imprensa em alta escala, cinema como produção do glamour, emissão de televisão que conecta todo um continente no mesmo horário e no mesmo programa), é um quadro do século XX, uma sociedade que opera ainda com o analógico, com a materialidade, com a geografia, com as diferenças históricas; trata-se de uma explosão de sinais e informações que abala o planeta pela penetração, pela força, pela capacidade de agregação em torno dos veículos, por uma certa possibilidade de manipulação e controle. Trata-se da chamada indús-

tria cultural, conceito que ainda não perdeu sua validade teórica e que foi inicialmente descrito por Walter Benjamin¹ e que se tornou a categoria fundante da sociedade dos meios (*Mediengesellschaft*, para os alemães) e que ganhou estatuto científico com Adorno² e Horkheimer³, na sua *Dialética do esclarecimento*. Já a nova sociedade das tecnologias informáticas, caracterizada equivocadamente como “sociedade mediatizada”, visto que este termo é idêntico ao anterior, é este “mundo novo” que se sobrepôs ao antigo mundo. Nada aqui é fixo, permanente, não há memória, tudo sendo digital se desfaz em seguida, a velocidade é alta e há a construção de mundos para onde pessoas podem se transportar virtualmente, entrar em contato, construir casas, etc. (Convém destacar que essa confusão conceitual “sociedade dos meios” e “sociedade mediatizada” - que são terminologicamente *a mesma coisa* - é resultado de nossa indigência cultural e intelectual, pois, em vez de traduzirmos corretamente o termo “media”, da língua anglo-saxônica, por “media”, como o fizeram os franceses, espanhóis, italianos e portugueses, criamos essa figura bizarra e infeliz do termo “mídia”, que nada significa, a não ser o testemunho de um pensamento canhestro e subdesenvolvido.) Prefiro opor a sociedade dos meios (de comunicação de massa), a *mass media society* ou *civilization* à sociedade virtual, sociedade tecnológica.

IHU On-Line - Como a midiatização e

¹ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

² Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da IHU On-Line)

³ Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

“O que foi perdido foi o investimento na leitura extensiva, a leitura de livros, de matérias jornalísticas longas, de textos reflexivos”

a tecnocultura impactam no modelo de leitura usado nos últimos séculos?

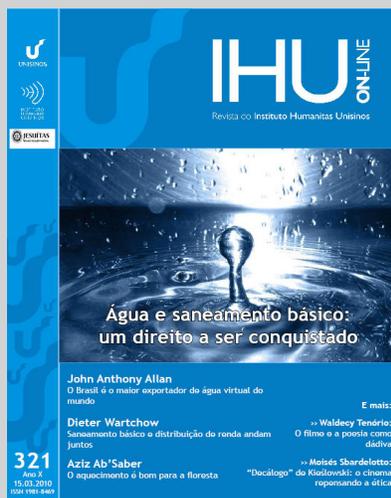
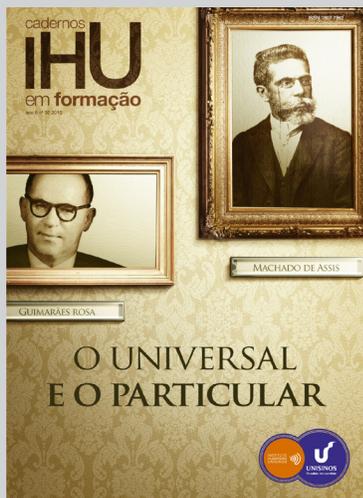
Ciro Marcondes Filho - A leitura não perdeu espaço com as tecnologias. Ao contrário, diante da tela do computador não se faz outra coisa senão escrever e ler. O que foi perdido foi o investimento na leitura extensiva, a leitura de livros, de matérias jornalísticas longas, de textos reflexivos. A internet opera preferencialmente com a escrita, a escrita curta e imediata. Ela é, nesse sentido, sensualista, das primeiras reações, das primeiras emoções, da percepção instantânea, dos *flashes*. Isso poderia ser válido para usos na pesquisa fenomenológica. Porém, não é assim que ocorre. A velocidade de escrita e de leitura está relacionada à agitação mais ou menos alucinada da vida cotidiana, estimulada pelas tecnologias comunicacionais. Elas permitem uma quantidade fabulosa de acessos, contatos, dados, que fazem o usuário ser acometido de uma certa obsessão de tudo dominar, de tudo ler, de tudo possuir, o que torna sua vida ainda mais dramática. A sociedade mediatizada não é uma sociedade feliz; ao contrário, é uma sociedade da compulsão, da cobrança invisível, dos apelos permanentes de estar conectado, pois, caso contrário, a pessoa estará “morta”. A vida na web depende da submissão do usuário à ditadura da conexão permanente; o sofrimento e a depressão de cada um se constrói pela pouca quantidade de visitas à sua página no Facebook. A esperança que nos dá o admirável mundo novo é o fato de que ainda podemos sair dele.

Curso: Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos

De 11 a 13-04-2011

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Informações www.ihu.unisinos.br

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



Digitalização da televisão em Moçambique: um longo caminho por trilhar

POR JOÃO MIGUEL*

Desde o seu surgimento, há mais de 30 anos, a televisão em Moçambique tem passado por várias transformações e reestruturações, resultantes das dinâmicas econômicas, políticas e sociais pelas quais o país passou nos últimos tempos. A primeira ocorreu na década de 1990, provocada pela mudança constitucional que abriu portas para a pluralidade de opiniões e visões, contrastando com a versão anterior, concebida ao ritmo do único partido então vigente. Outro fator a ser ressaltado, nesse primeiro momento, foi o advento do primeiro dispositivo legal da regulamentação da atividade da mídia, a lei 18/91, de 10 de agosto (Lei da Imprensa). Este marco permitiu a entrada de outras operadoras no setor da comunicação social e, conseqüentemente, a multiplicidade de oferta de produtos comunicacionais, informacionais e culturais.

A segunda transformação encontra-se, ainda, em processo

“Segundo o censo de 2007, menos da metade dos lares moçambicanos tem aparelho de TV”

e vem se desenhando desde 2006, quando o governo de Moçambique anunciou a migração tecnológica na radiodifusão do país até 2015. Os observadores das políticas de comunicação do país já haviam percebido, desde o início, que não seria possível observar-se esse calendário. Recentemente, o conselho de ministros deliberou e decidiu adotar o padrão europeu de televisão digital (*Digital Video Broadcasting - DVB/T2*) e também prorrogou o *switch-off* do sistema analógico para 2020, prazo intransponível de acordo com União Internacional das Telecomunicações - UIT, organização de que Moçambique

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos; professor na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane - ECA/UEM e na Escola Superior de Jornalismo - ESJ; membro do Grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - Cepos, que conta com o financiamento da Fundação Ford. E-mail: <joaomiguelmz@yahoo.com.br>.

é membro. Assim sendo, há muitos passos por dar. E trilhar esse caminho significa conjugar interesses, gerir conflitos e pensar no tipo de espaço público a ser configurado por essas novas plataformas.

Em relação a outros países da região da África Austral, Moçambique está muito atrasado e só há poucos dias o governo publicamente pronunciou-se sobre a temática. Quem tem ganhado visibilidade, de forma isolada, é o diretor-geral do Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique - INCM, e em casos esporádicos os operadores de rádio e TV têm apresentado seus pontos de vista. A ausência de vários atores e diversos segmentos da sociedade moçambicana nas discussões é gritante, o que leva a crer que as decisões tenderão a ser tomadas a sabor de motivos econômicos e políticos. Contudo, isso não significa dizer que esses fatores sejam menos importantes.

Entretanto, há outros aspectos a serem considerados que vão além da simples dificuldade de obtenção de aparelhos e de conversores. Nestas vias, entende-se que o conceito de televisão deverá expandir-se e apresentar reflexos significativos em sua qualidade

“A maior parte da população está excluída e não pode usufruir das possibilidades de informação, educação e entretenimento que podem ser proporcionadas por esta mídia”

e, complementarmente, trazer lógicas não comerciais e novos conteúdos, inclusive alguns não tradicionais do sistema televisivo, com possibilidade de uso para tele-educação e telegoverno. Essa tem sido a compreensão dos pensadores do campo da Economia Política da Comunicação.

O processo da migração tecnológica no país veio agregar mais um problema no contexto das políticas de comunicação no rolo da problemática existente. Segundo o censo de 2007, menos da metade dos lares moçambicanos

tem aparelho de TV, ou seja, a maior parte da população está excluída e não pode usufruir das possibilidades de informação, educação e entretenimento que podem ser proporcionadas por esta mídia. Na melhor das hipóteses, o único meio pelo qual se inserem no mundo é o rádio que funciona a pilha, já que a expansão elétrica encontra-se em processo.

Esses aspectos ilustram quão será um caminho de idas e vindas pleno de dificuldades, próprias de um país marcado por limitações de diversa ordem. Nessa ótica é fundamental que o governo moçambicano, ao pensar nas políticas de migração tecnológica, também invista em sistemas que permitam não apenas uma migração a baixo custo, mas que sejam estudados em função de sua capacidade de atuar socialmente em relação à educação e à distribuição de conteúdos inclusivos, como um espaço para a democratização da comunicação e para usos cidadãos, como educação à distância e acesso aos portais governamentais. Essa é a visão dos pesquisadores congregados no grupo Comunicação Economia Política e Sociedade - Cepos, atentos ao fenômeno da digitalização das mídias, em diversos contextos.



ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL

TURMAS EM PORTO ALEGRE

Inscrições pelo site www.unisinos.br/especializacao/televisao_digital/
ou pela central de relacionamento da Unisinos Fone : 3590-8131

**AULAS EM CONJUNTO
COM A GLOBO
UNIVERSIDADE**

REALIZAÇÃO:
 UNISINOS

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 05-04-2011 a 08-04-2011.

A verdadeira face do Supremo Tribunal Federal
Entrevista especial com Vladimir Safatle, filósofo
Confira nas Notícias do Dia 05-04-20101
Disponível no link <http://migre.me/4cokK>

Na entrevista publicada nas Notícias do Dia, o filósofo Vladimir Safatle analisa a decisão do STF em relação à Lei da Ficha Limpa e afirma que ela é absolutamente contrária ao que se espera de um tribunal realmente comprometido com a democracia. Para ele, há um desequilíbrio nos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário), pois somente dois são resultado direto da participação popular.

Jirau e Santo Antônio: um canteiro de revoltas
Entrevista especial com Luis Fernando Novoa Garzón, cientista político e professor da Universidade Federal de Rondônia
Confira nas Notícias do Dia 06-04-2001
Disponível no link <http://migre.me/4conx>
Luis Fernando Novoa Garzón analisa a rebelião dos trabalhadores que constroem a usina hidrelétrica de Jirau. Para ele, o

conflito já era esperado em função das condições de trabalho oferecidas pelo consórcio da obra.

Quando a anchoveta salva uma nova espécie de lobo-marinho
Entrevista especial com Larissa Oliveira, bióloga
Confira nas Notícias do Dia de 07-04-2011
Disponível no link <http://migre.me/4coAH>

Segundo a bióloga Larissa Oliveira, a captura excessiva do peixe anchoveta comprometeu, no Peru, a sobrevivência de outras espécies como aves, golfinhos e lobos-marinhos, que se alimentam deste animal.

Comblin: pedagogo, profeta e santo
Entrevista especial com D. Sebastião Soares e D. Luiz Cappio
Confira nas Notícias do Dia de 08-04-2011
Disponível no link <http://migre.me/4cWAE>
Os bispos D. Sebastião Armando Gameleira Soares e D. Luiz Cappio, anglicano e católico, respectivamente, comentam o legado de José Comblin e sua escolha em viver em Barra, no interior da Bahia. Para eles, o teólogo era um defensor da vida do povo nordestino e ribeirinho.

**A Entrevista do Dia está disponível
na página eletrônica do IHU**

www.ihu.unisinos.br

Programação de Páscoa IHU 2011

Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea e
Ciclo de Filmes e Debates:
Sociedade Sustentável no cinema



Exibição de Filme: Home - Nosso planeta, nossa casa (Yann Arthus-Bertrand, 2009, 90 min)
Apresentação: Prof. MS Gelson Luiz Fiorentin - Unisinos

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
De 30/03 a 28/04
Informações no endereço eletrônico
www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

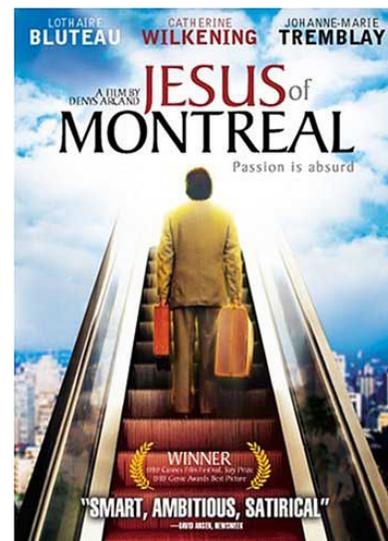
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Programação de Páscoa IHU 2011

Debate sobre cuidado da vida
na cultura contemporânea e Ciclo
de Filmes e Debates:
Jesus no cinema



Exibição de Filme: Jesus de Montreal (Denys
Arcand, Canadá, 1989, França, Drama, 118min)

Data: 13-04-2011

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Informações no endereço eletrônico
www.ihu.unisinos.br

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 12-4-2011
<p>Evento: Páscoa IHU 2011 - Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea Prof. Dr. Daniel Marguerat - Universidade de Lusane, Suíça Curso: Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos Confira a programação completa em http://migre.me/4dR7k</p>
Dia 13-4-2011
<p>Evento: Páscoa IHU 2011 - Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos Jesus no cinema - Exibição de Filme: Jesus de Montreal (Denys Arcand, Canadá, 1989, França, Drama, 118min)</p>
<p>Evento: Páscoa IHU 2011 - Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea Prof. Dr. Daniel Marguerat - Universidade de Lusane, Suíça Curso: Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos Confira a programação completa em http://migre.me/4dR7k</p>
Dia 14-4-2011
<p>Evento: Fórum Social Mundial - trajetória, perspectivas e limites e IHU ideias Profa. Dra. Cleusa Andreatta - Unisinos, Prof Dr. Érico Hammes - PUCRS e Prof. Dr. Roberto Zwetsch - EST Palestra: Fórum Mundial de Teologia e Libertação</p>
<p>Evento: Fórum Social Mundial - trajetória, perspectivas e limites e IHU ideias Prof. Dr. Francisco Whitaker - Cofundador do Fórum Social Mundial e professor no Instituto de Formação para o Desenvolvimento de Paris e no Instituto Latino-Americano de Pesquisas Econômicas e Sociais Palestra: Fórum Social Mundial: trajetória, perspectivas e limites</p>
Dia 16-4-2011
<p>Evento: Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011 Assessoria: Profa. Dra. Eloísa Capovilla da Luz Ramos - Unisinos Visão histórica dos projetos de nação, a partir 1930 Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, CEP 95032-470 Caxias do Sul, RS Promoção com a Diocese de Caxias do Sul, através da Cáritas Diocesana</p>
Dia 17-4-2011
<p>Evento: Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011 Prof. MS Gilberto Antônio Faggion - Unisinos A evolução do pensamento econômico e sua influência na globalização atual Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, CEP 95032-470 Caxias do Sul, RS Promoção com a Diocese de Caxias do Sul, através da Cáritas Diocesana</p>

O FSM e a radicalização da democracia

Revalorização da política como ação fundamental humana é um dos objetivos do evento que percorre o mundo, aponta Francisco Whitaker. As pessoas são seres sociais e corresponsáveis pelo conjunto, ideia que orienta as ações do FSM

POR MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

Um espaço não apenas de protesto, mas de resistência ao avanço e dominação do liberalismo. Além disso, trata-se de “uma nova cultura política, em que se experimentaram novas maneiras organizativas baseadas fundamentalmente na horizontalidade das redes”. A explicação é do arquiteto Francisco Whitaker na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line**. “Ainda existem pessoas que defendem que o Fórum seja um movimento, mas está caracterizado que este é um espaço que deve continuar a existir, e que não deve se transformar em outra coisa que não seja esse espaço democrático e horizontal que possui”, assinala. Whitaker explica que a radicalização da democracia “não se trata somente da democracia representativa e política, mas da democracia econômica, cultural e social em geral. Radicalização, para nós, é elevar em todos os níveis a possibilidade dos cidadãos serem sujeitos dos seus destinos, de forma organizada e corresponsável”. A política precisa ser revalorizada como “ação absolutamente essencial ao ser humano”.

Francisco Whitaker é arquiteto por formação e foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Atualmente, é socio-fundador da organização não governamental Transparência Brasil e cofundador do Fórum Social Mundial. Ele estará na Unisinos no dia 14 de abril para falar sobre o *Fórum Social Mundial - trajetória, perspectivas e limites*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que avaliação o senhor faz da trajetória do Fórum Social Mundial - FSM? Que aspectos citaria como avanços e limites desta trajetória? O Fórum se transformou, mudou de estratégias ao longo do tempo?

Francisco Whitaker - O FSM é um processo que vai se concretizando à medida em que a sociedade e a conjuntura vão mudando. O Fórum, em si, não muda de estratégia, porque não é uma organização ou movimento, mas um espaço criado pelas organizações que acham que é importante se encontram com outras, se articularem e promoverem trocas com vistas ao objetivo final. Nesse processo, as próprias organizações vão encontrando novas pistas e a realidade vai mudando. Claro que, do primeiro fórum até agora, “muita água passou embaixo da ponte, e a realidade do mundo mudou. Entraram na discussão problemáticas novas, como a resistência do neoliberalismo, o pro-

testo daqueles que se insurgem contra sua dominação.

O sistema capitalista como um todo continuou o seu avanço na dominação do mundo de forma total. Aqueles que o defendem e pretendem definir as estratégias das empresas e organizações governamentais que tocam o sistema, estão tendo que se abrir para outras realidades. Um indicador disso são os temas que o Fórum de Davos, que determinou a criação do Fórum Social Mundial, começou a abordar. Existe um mundo que está mudando. Temos que superar essa colocação segundo a qual o mercado resolve tudo. O Fórum de Davos transparece o que eles estão descobrindo. Davos incorporou várias questões que são levantadas no FSM. Uma delas, muito nova, é a questão ecológica. O Fórum em 2009 foi realizado num local simbólico, a Amazônia. Tudo isso são transformações que o processo vai incorporando, e o espaço

Fórum vai se adaptando a essas transformações.

Limites

Não há limites na trajetória do FSM. Quanto mais claros e articulados vejamos e estejamos, mais poderemos avançar. O último Fórum, em Dacar, foi do ponto de vista organizativo um verdadeiro problema. Houve uma situação imprevisível, porque a universidade não pode ceder os espaços que havia se proposto. Assim, foi enfrentada uma grande confusão no primeiro dia. Contudo, a força de articulação foi tamanha que quase reconstruiu tudo “debaixo para cima”. Assim, há uma articulação crescente na sociedade daqueles que lutam para superar o neoliberalismo.

O Fórum não é somente um protesto, uma resistência ao avanço do neoliberalismo. Também é uma proposta

por uma nova cultura política, em que se experimentaram novas maneiras organizativas baseadas fundamentalmente na horizontalidade das redes que constitui atualmente a dimensão do Fórum. O fato de se fazer atividades auto-organizadas além das outras que podem ser mais ou menos orientadas é um diferencial do FSM.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o surgimento do Fórum em Porto Alegre e as proporções que ele tomou durante esses 11 anos de existência, tornando-se um evento global contínuo?
Francisco Whitaker - A escolha de Porto Alegre foi feita pelas organizações que propuseram o Fórum porque esse era um local onde ocorria um bom exemplo de um outro tipo de democracia, vivido em função do orçamento participativo. A partir daí é que houve um grande interesse mundial das pessoas virem a Porto Alegre para conhecer esse processo participativo. Dali para frente, no segundo fórum, foram abertas outras perspectivas. A vocação de Porto Alegre é continuar sendo a grande referência do FSM. Uma das ideias que surge entre os organizadores a nível mundial é que o Fórum ocorra a cada dois anos em diferentes lugares do mundo. No ano intermediário Porto Alegre pode sediar um grande evento. Essa é uma indicação que Porto Alegre tem o seu papel fundamental ligado ao Fórum.

Memorial

Há uma ideia de criar um grande memorial que não seja local apenas de passado, mas referência de futuro. Porto Alegre é quase um sinônimo de FSM. Então, por que não existir nessa cidade esse centro de referência? Trata-se de um evento global contínuo, porque o FSM é o momento forte do encontro, mas ele se dá em inúmeros eventos esparsos. Em Dacar, identificamos mais de 50 eventos, no ano de 2010, realizados mundo a fora, que vão na linha do FSM. Na verdade, então, esse processo só tende a se ampliar, pois está longe o dia em que essas loucuras do capitalismo irão parar.

IHU On-Line - Como o senhor vê a

“Há uma articulação crescente na sociedade daqueles que lutam para superar o neoliberalismo”

participação de políticos no Fórum Social Mundial?

Francisco Whitaker - A participação de políticos, desde o início, é bem-vinda. O que estabelecemos como limitação foi a participação de partidos políticos enquanto tais na organização de atividades no FSM. O mesmo se dá quanto às empresas, por melhor intencionadas que sejam. Governos e políticos não podem fazer atividades no fórum porque não queremos introduzir a competição que existe entre os partidos, pois esta existe em função da luta pelo poder. Se permitíssemos isso, estaríamos prejudicando o sentido de horizontalidade e igualdade de oportunidades, de não ter chefias nas direções. Todos são livres para optar pelo que quiserem. Outra orientação que temos é que os políticos podem vir, mas não devem falar na abertura ou fechamento dos fóruns, já que estes não são deles, mas da sociedade civil. Isso nem sempre acontece. Em Dacar, os organizadores convidaram tanto Evo Morales ¹ quanto Gilberto Carvalho, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência, para falar na abertura, o que considero um engano. Em Dacar, Evo disse que era filho do FSM, como quem diz que deve ao processo do Fórum a sua própria eleição. O FSM mobilizou as pessoas nessa esperança nova que ele quer trazer. Em Belém, montamos um evento no meio do Fórum, fora do evento, do qual puderam participar milhares de pessoas. Isso não atrapalhou nada. Pelo contrário, enriqueceu e trouxe a visão dos governantes daquilo que eles podem fazer. No fundo, obviamente, temos consciência de

¹ Juan Evo Morales Ayma (1959): é o atual presidente da Bolívia e líder do movimento esquerdista boliviano *cocalero*. Morales é também líder do partido Movimento para o Socialismo. (Nota da IHU On-Line)

que o governo, pelo peso que tem, é essencial para superar as mazelas do próprio sistema capitalista. Precisamos contar com eles, mas não no FSM, mas da sociedade civil, novo ator que surgiu porque os partidos não deram conta da superação do capitalismo.

IHU On-Line - Entre um dos itens da Carta de Princípios do FSM, diz o seguinte: “As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais”. O Fórum é capaz de não submeter-se à institucionalização das estruturas governamentais?

Francisco Whitaker - O Fórum não é uma entidade, uma organização, não tem um corpo ou direção. Tem um conselho que sugere aqueles que irão organizar eventos. Esses, não devem se submeter a nenhuma diretiva governamental. Isso já foi uma condição para o primeiro Fórum, em Porto Alegre. Quando surgiu a ideia, os organizadores conversaram com o então governador Olívio Dutra e com o prefeito, trocando ideias para a realização do evento mundial; pediram ajuda mas solicitaram que não houvesse intervenção. Obviamente, os governos são sempre muito sedentos de tirar proveito dessas coisas para sua própria imagem. Mas essa sempre foi uma tensão que existiu e só pode resultar em não se submeter a nenhuma injunção governamental.

IHU On-Line - No último Fórum, o politólogo Eric Toussaint ² alertou para a possível criação de uma “indústria do FSM”, em função da projeção do evento ao longo dos anos e destacou que ONGs “poderosas” estruturam grandes projetos em torno do FSM. Como o senhor vê essa manifestação? O Fórum pode perder seu caráter inicial?

Francisco Whitaker - Esse politólogo tem muita presença na África, e por isso foi muito importante em relação ao

² Eric Toussaint é presidente do Comitê para a Anulação da dívida do Terceiro Mundo da Bélgica (CADTM), e tem formação de cientista político e historiador. (Nota da IHU On-Line)

último FSM. Apesar dessas críticas, ele continua participando intensamente da organização do evento. Essa indústria do FSM mencionada é uma maneira de ver as coisas de forma equivocada. Muitas pessoas veem um “fantasma” das grandes ONGs, como foi o caso de Nairóbi. Lá se montaram estandes muito visíveis mostrando seu poderio. Isso foi criticado e denunciado. Na edição seguinte, tal fato não ocorreu mais. Todos os estandes, dali para diante, deveriam ter as mesmas condições. Mas dizer que as ONGs mandam é algo diferente. Um processo como o FSM pela enorme inovação que traz do ponto de vista da cultura política, cria tensões de todo tipo. Uma delas é aquela de que as pessoas acham que as mudanças serão feitas por movimentos sociais e as ONGs estão a serviço do sistema. Isso é equivocado. Os organizadores, assim como devem cercar a ação dos governos, devem fazê-lo junto às ONGs. A observação de Toussaint é equivocada.

Potencialidade

Quando iniciamos o FSM não tínhamos ideia sobre a potencialidade do processo. Sabíamos, mais ou menos, que era uma alternativa de resistência à dominação global e neoliberal. Como fazer isso fomos descobrindo aos poucos. A própria metodologia foi definida no processo. No primeiro, fizemos uma porção de mesas que nós mesmos convocamos. Na edição seguinte, não convocamos nenhuma mesa organizada por nós. Tudo que ocorria era auto-organizado, inclusive as oficinas, ateliês, etc. Na verdade, esse é um processo que fomos descobrindo e discutindo. Ainda existem pessoas que defendem que o Fórum seja um movimento, mas está caracterizado que este é um espaço que deve continuar a existir, e que não deve se transformar em outra coisa que não seja esse espaço democrático e horizontal que possui. Par nós isso ficou mais claro à medida que o tempo ia passando.

IHU On-Line - Militantes e intelectuais são os principais participantes do FSM. Nesse sentido, como o senhor vê a participação e a atenção que a sociedade civil tem dado ao evento?

“Radicalização, para nós, é elevar em todos os níveis a possibilidade dos cidadãos serem sujeitos dos seus destinos, de forma organizada e corresponsável”

Francisco Whitaker - Quando se fala em militantes nos referimos à sociedade civil. Não podemos pensar que o FSM traz todos os movimentos que existem. Virão a ele alguns poucos de fora do país, dirigentes daquele movimento ou organização. O pessoal do país pode vir mais em massa. Na África fiquei impressionado com a presença dos movimentos sociais em Dacar. Em Belém, foi notável a presença dos movimentos indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Na Índia, houve uma participação de 120 mil pessoas, dos quais 20 mil eram os intocáveis, os dalits. Grande parte dos seus movimentos fez congressos dentro do FSM. Os movimentos aproveitam essa oportunidade para fazer seus grandes encontros. Foi um salto qualitativo que deram a partir do Fórum. Dali para frente as coisas se incrementaram. Dizer que intelectuais são os principais participantes do Fórum é um engano. A sociedade civil dá atenção ao evento enviando os seus militantes. Atividades auto-organizadas nas periferias constituem outro aspecto importante do Fórum, como o que houve em Dacar. As pessoas estavam conectadas, na periferia, com participantes do Fórum dentro da universidade. Fizeram encontros dessa natureza. Quem não é governo ou partido faz parte de organizações da sociedade. Essa sociedade se organiza de diferentes maneiras.

IHU On-Line - O fórum se propõe o debate democrático, aprofundamento de reflexões. Até que ponto o Fórum deveria também se comprometer

ter com ações concretas? Como vê o comprometimento intelectual nesse sentido?

Francisco Whitaker - Essa discussão recai no problema se o FSM é um movimento ou um espaço. O FSM enquanto fórum, não tem que se comprometer, lançar um documento final. Isso foi um dos princípios discutido no início, e contestado, até. Tensões em torno desse assunto foram superadas. Se o Fórum quiser tomar uma posição de todos que nele estão presentes, obviamente isso será como sempre: haverá um grupo de “iluminados” que escreverá o documento, e que vão submetê-lo a 150 mil pessoas. Claro que isso não leva ao engajamento de ninguém. Não há um método para fazer com que 150 mil pessoas se pronunciem a respeito dum documento assim. Não temos documento final por essa razão.

IHU On-Line - Em que medida o Fórum implica em uma redescoberta da política e da democracia? O debate sobre a democracia radical é um tema em pauta nas discussões?

Francisco Whitaker - O problema da democracia é o problema da participação dos sujeitos. Para nós a radicalização da democracia não se trata somente da democracia representativa e política, mas da democracia econômica, cultural e social em geral. Radicalização, para nós, é elevar em todos os níveis a possibilidade dos cidadãos serem sujeitos dos seus destinos, de forma organizada e corresponsável. Todos assumem seu papel num processo que é de conjunto, mas todos como sujeitos, nunca como objetos. Essa discussão é subjacente a tudo que se faz no FSM. A metodologia do Fórum é uma metodologia de democratização.

A redescoberta da política é um grande desafio. Com o que acontece na nossa política, tanta gente acha que não adianta mais nada, que só os aproveitadores galgam os postos de representantes do povo. Temos que revalorizar a ação política como ação absolutamente essencial ao ser humano. Não fazer política é a mesma coisa que dizer que tudo fique como está. Isso significa que as pessoas não se interessam pela coletividade, mas

apenas em suas vidinhas. Do ponto de vista de evolução humana, isso representa um retrocesso. O ser humano é um ser social, que não se relaciona, apenas, mas se responsabiliza pelo conjunto. Essa é a grande proposta que é subjacente ao método de ação política que propomos dentro do FSM.

IHU On-Line - Que futuro vislumbra para o FSM? Quais os limites e perspectivas para as próximas edições?

Francisco Whitaker - Após a desorganização do FSM em Dacar, fiquei com a sensação de que o Fórum tinha acabado. Depois daquela confusão e caos do primeiro dia, imaginei que ninguém mais voltaria. Após o esforço de tantas pessoas que viajaram para participar das atividades, encontrar aquela situação foi algo extremamente difícil. Acontece que a capacidade que as pessoas tiveram em reorganizar e refazer tudo foi impressionante. Então, as perspectivas futuras são amplas. O próximo Fórum, em 2013, está cogitado para ser feito na Europa. A Europa se direitiza de uma maneira incrível hoje. Os movimentos sociais europeus estão bastante perplexos em relação ao que fazer para que essa direitização não prossiga. Fazer um Fórum nesse continente é uma sacudida que se dará em tal realidade. Eu saúdo isso como uma jogada muito arriscada, em função da perplexidade que vivem os movimentos sociais frente ao cenário político do continente. Mas é o grande momento de revisão. Os fóruns temáticos, nacionais ou regionais, são instrumento novo para aprofundarmos teses e propostas que vêm num crescendo. O ano de 2011 iniciou com inúmeros eventos desse tipo.

LEIA MAIS...

Francisco Whitaker já concedeu entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

- As mudanças da geografia política atual. Entrevista especial com Francisco Whitaker, publicada nas Notícias do Dia 30-11-2010. Acesse no link <http://migre.me/4cUPw>.
- O PT é o menos pior. Entrevista especial com Francisco Whitaker, publicada nas Notícias do Dia de 06-10-2006. Disponível em <http://migre.me/4dRGm>

FMTL: uma comunidade teológica mundial

Na avaliação do teólogo Roberto Zwetsch, a continuidade do Fórum Mundial de Teologia e Libertação - FMTL abrirá novos espaços de reflexão e criará uma comunidade teológica mundialmente aberta

POR PATRICIA FACHIN

“O FSM precisa ouvir a palavra da teologia se, de fato, almeja um outro mundo possível”, afirma Roberto Zwetsch, lembrando as palavras do sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos, mencionadas em discurso no encontro que ocorreu em 2005, na capital gaúcha. Segundo Zwetsch, a participação teológica por meio do FMTL se justifica porque ela “empenha-se e se compromete a tratar de temas vitais que dizem respeito à realidade dos povos e ao futuro da humanidade”.

Zwetsch vê como positiva a inserção do FMTL no FSM e assinala que a interação entre os eventos é um indicativo “de que a relação está em processo de afirmação e construção de canais de diálogo mais consistentes”.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, o teólogo faz um balanço do último FMTL, ocorrido em Dacar, Senegal e fala das expectativas em relação ao encontro e às propostas elencadas pelos participantes, como a possibilidade de percebermos e adotarmos, de alguma maneira, o estilo de vida dos índios aymara. “Temos que mudar muito nossa maneira de pensar e de viver para compreender o que significa bem viver na ótica dos aymara. Caso contrário, será um debate sem repercussão na nossa maneira de viver e ver o mundo”, assegura.

Juntamente com a professora Dra. Cleusa Andreatta, da Unisinos, e com o professor Dr. Erico Hammes, da PUCRS, Zwetsch participará, nesta quinta-feira, 14-04-2011, do IHU ideias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. No encontro marcado para as 17h30min, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, eles contarão as experiências vivenciadas em Senegal.

Roberto Zwetsch é professor de Teologia Prática e Missiologia das Faculdades EST, professor do Programa de Pós-Graduação e do Programa de Formação do Conselho de Missão entre Indígenas da IECLB. Participa do Conselho Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação representando a Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana e Caribenha - Cetela e Faculdades EST. Possui muitos artigos publicados em revistas especializadas. Seu livro mais recente é *Missão como com-paixão. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana* (São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como avalia a trajetória dos Fóruns Mundiais de Teologia e Libertação - FMTL ao longo dos anos? Como os objetivos e ideais do FMTL se transformaram?

Roberto Zwetsch - Participei de três edições do FMTL, a primeira em 2005, em Porto Alegre, a terceira, realizada em Belém do Pará, em 2009 e, neste ano, em Dacar, Senegal. Em 2007, a Cetela - Comunidad de Educacion Teologica Ecumenica Latinoamericana y Caribe enviou um representante da Bolívia, o professor Ismael León, pentecostal e docente do Instituto Superior Ecumênico Andino de Teologia - Iseat. O surgimento do FMTL deve-se a uma necessidade concreta, sentida principalmente por teólogos da América Latina, mas também de alguns centros teológicos do primeiro mundo, de se criar um espaço de debate teológico que fizesse a interlocução com o Fórum Social Mundial. Lembro aqui principalmente os nomes do padre Sérgio Torres, do Chile, de Leonardo Boff e dos companheiros e companheiras de Ameríndia. Cada edição tem suas ênfases e particularidades. Pela experiência realizada, diria que está cada dia mais difícil estabelecer as conexões, as pontes para um debate internacional, embora as novas mídias da informação facilitem a troca e o intercâmbio praticamente ininterrupto entre as pessoas e instituições que se colocam as questões que mobilizam o FMTL. Talvez isto se deva ao novo momento histórico que estamos vivendo e a novas exigências que emergem tanto da sociedade quanto do âmbito das igrejas. Entendo que, no processo dos diferentes fóruns, esta dificuldade sentida está sendo assumida e trabalhada na direção de fortalecermos as conexões entre os continentes por meio de redes de contato e ação. Ao mesmo tempo, estamos sempre mais conscientes de que libertação é um conceito plural que exige a formulação de distintas teologias de libertação. Isto em si não é novidade, mas traz consigo novos conceitos e novas abordagens que irão incidir fortemente nos debates e na busca por uma forma sempre mais contextualizada de fazer teologia no século XXI, sem perder a capacidade de dialogar com outros saberes e contextos.

“Se antes a opção pelos pobres orientou muito os desdobramentos da reflexão teológica libertadora, hoje esta mesma opção precisa abarcar também outros desafios, sem abandonar aquela”

IHU On-Line - Qual é o sentido do FMTL? Em que medida as discussões realizadas causam efeito para repensarmos, por exemplo, a relação da Igreja com os pobres, temas candentes como a fome, a miséria, e também aquilo que os índios aymara da Bolívia chamam de bem-viver?

Roberto Zwetsch - Entendo que o FMTL é uma plataforma de encontro, debate, articulação e proposição da reflexão teológica internacional. Ele não é um fórum de igrejas ou de instituições acadêmicas, mas de pessoas e organizações que se articulam em função de caminhadas históricas com setores empobrecidos e discriminados das sociedades e países em que vivem. O FMTL tem procurado ser o mais amplo, aberto e ecumênico possível. Também tem sido uma característica não se deixar envolver pelas agendas das igrejas ou de instituições religiosas específicas. Por isto, por vezes, podem ocorrer tensões com setores das hierarquias ou outras instituições eclesiais. Por exemplo, quando o FMTL abre espaço para o debate de uma teologia para as pessoas homossexuais ou para debater as consequências do racismo na vida das igrejas. Também a causa ecumênica precisa ser mais debatida, pois o FMTL entende que, na conjuntura atual, é urgente abrir espaços qualificados para o debate com representantes de outras religiões que não o cristianismo. E aqui se pensa não apenas nas grandes religiões mundiais, mas também nos povos indígenas da América Latina e nas expe-

riências religiosas dos afro-americanos ou dos povos africanos. Esta dimensão do debate inter-religioso e intercultural vem se firmando nos últimos tempos e será um campo para aprofundamento das pesquisas e das discussões nos próximos anos. Sua pergunta menciona temas candentes da atualidade. Eu acrescentaria como prioritário também a questão ecológica e as relações interculturais. Para compreender e dialogar com os aymara sobre o seu conceito de bem-viver¹, por exemplo, e incluí-los nos debates teológicos e filosóficos contemporâneos há um bom caminho pela frente, para o qual nem sempre estamos preparados. Quem consegue dialogar com os aymara na sua língua? Ora, conceitos não são meras abstrações, mas refletem experiências culturais e religiosas de vida que não são facilmente traduzíveis. Temos que mudar muito nossa maneira de pensar e de viver para compreender o que significa bem-viver na ótica dos aymara. Caso contrário, será um debate sem repercussão na nossa maneira de viver e ver o mundo.

IHU On-Line - Como vê a relação do FMTL com o FSM e sua contribuição para pensar outro mundo possível?

Roberto Zwetsch - Trata-se de uma relação que vem acontecendo desde o primeiro FMTL realizado em 2005, em Porto Alegre. Não sou a pessoa mais indicada para responder à pergunta. O que sinto, porém, é que, da parte do Comitê Internacional do FSM, há um crescente respeito pela Teologia e pelas possibilidades que o debate teológico traz para aprofundar as dimensões sociais e políticas do lema que anuncia *outro mundo possível*. O fato de que em Dacar, pela primeira vez, conseguimos espaço e realizamos durante dois dias onze oficinas temáticas no Fórum Social Mundial já é um indicativo de que a relação está em processo de afirmação e construção de

¹ Bem-viver: conceito que, nas línguas dos povos originários soa como *Sumak Kawsay* (quíchua), *Suma Qamaña* (aimará), *Teko Porã* (guarani). Para alguns sociólogos e pesquisadores temos aí uma das grandes novidades no início do século XXI. Trata-se de uma ética indígena que funciona como alternativa ao modo capitalista de produção, distribuição e consumo. Sobre o bem-viver, confira a edição 340 da Revista IHU On-Line, de 23-08-2010, disponível em <http://migre.me/4dRIP>, e intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Porã. O Bem-Viver*. (Nota da IHU On-Line)

canais de diálogo mais consistentes. Mas ainda há um longo caminho a percorrer. Lembro aqui as palavras do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos,² em 2005, em Porto Alegre, ao falar na abertura do FMTL. Ele dizia que o FSM precisa ouvir a palavra da teologia se, de fato, almeja *um outro mundo possível*. Isto porque a teologia - na perspectiva da libertação - empenha-se e se compromete a tratar de temas vitais que dizem respeito à realidade dos povos e ao futuro da humanidade. No âmbito do FMTL não se trata de resolver questões dogmáticas ou confessionais. Antes, sua proposta diz respeito ao cânone da “vida” como escreveu Luiz Carlos Susin.³ Diante da complexidade dos tempos atuais, em perspectiva mundial, um dos desafios é equilibrar os desafios do cotidiano da vida nos lugares de existência particular com a variedade típica dos contextos, e as questões globais que afetam toda a humanidade. Há fatos que, desencadeados num local, hoje rapidamente interferem na vida de todos e isto exige uma elaboração política, filosófica, social e também teológica. O FMTL não dará conta por si só desta tarefa, mas quer ser um espaço privilegiado para esta tomada de consciência e um momento de articulação teológica prospectiva. Com isto já respondo também sua questão sobre as perspectivas futuras do FMTL.

IHU On-Line - Que temas pertinentes o FMTL ainda não conseguiu abordar nesta década?

Roberto Zwetsch - Um deles, sem dúvida, é e será o diálogo inter-religioso. Embora o IV FMTL tenha acontecido no Senegal, num país com mais de 95% de população muçulmana, não conseguimos, por diversas razões, realizar o diálogo pensado e imaginado com teólogos muçulmanos. Foi uma lástima, pois teríamos tido uma oportunidade rara para nos situarmos num debate respeitoso e propositivo na casa do *outro*, que nos acolheu com tanta generosidade, se lembramos como lá fomos recebidos.

2 Boaventura concedeu entrevista à IHU On-Line quando participou do Fórum Social Mundial, na Unisinos, em 2010. Acesse no link <http://migre.me/4cUV4>. (Nota da IHU On-Line)

3 Susin concedeu entrevista à IHU On-Line este ano, enquanto participava do FMTL, em Dacar. A entrevista pode ser acessada no link <http://migre.me/4cUYq>. (Nota da IHU On-Line)

Além disso, teríamos tido a oportunidade de refletirmos juntos a presença de elementos das religiões africanas que hoje continuam a incidir no cotidiano da vida das pessoas daquele país. Uma experiência que nos marcou profundamente foi, em certos momentos de refeição, preparada por uma associação de mulheres de Dacar, comermos todos de uma mesma panela que nos era servida e da qual cada pessoa da mesa retirava a sua porção. Esta prática muito antiga dos povos africanos nos sensibilizou e nos desafia a buscarmos novas formas de relação entre as pessoas e as sociedades. Não por último questiona a forma cristã de nossas igrejas celebrarem a *ceia do Senhor*, que em sua origem era, de fato, uma refeição que saciava a fome de pão e de Palavra, e na qual, por meio de pão e vinho, o Senhor se fazia presente corporalmente.

IHU On-Line - Que aspectos apontaria como limites do FMTL?

Roberto Zwetsch - Eles são evidentes se olharmos a composição da lista de pessoas presentes, que procurou reunir teólogas e teólogos dos cinco continentes, mas que ainda carece de maior representatividade. O FMTL é, na verdade, um modesto esforço de inserir a teologia no contexto do FSM, assumindo o compromisso de repensar o projeto histórico que deu origem à Teologia da Libertação⁴, abrindo o debate para os novos desafios que continuamente batem às portas das igrejas e das instituições teológicas e que devem não apenas gerar pesquisa e publicações, mas se constituir como permanentes questionamentos para o nosso *modo de fazer teologia*. Se antes a opção pelos pobres orientou muito dos desdobramentos da reflexão teológica libertadora, hoje esta mesma opção precisa abarcar também outros desafios, sem abandonar aquela. Trata-se de incorporar no debate teológico as

4 **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da IHU On-Line)

novas formas de luta política que surgem em diferentes lugares do mundo, a relação entre teologia e gênero, teologia e interculturalidade, teologia e pessoas com deficiência, teologia e racismo, temas e dimensões da reflexão teológica para os quais recém começamos a elaborar ferramentas e perspectivas adequadas de trabalho. O fato de em Dacar não termos conseguido fazer uma análise precisa do que estava e está acontecendo nos países árabes, de não sabermos como avaliar a revolução árabe e suas consequências para a nova conjuntura internacional nos próximos anos, demonstra que precisamos - com urgência - reelaborar nossos instrumentos de análise para que a reflexão teológica subsequente tenha os pés na realidade e - a partir do legado evangélico e da profecia bíblica - consiga lançar às comunidades de fé e à comunidade teológica internacional um desafio oportuno (*kairós*) e não apenas a reafirmação das próprias posições, o que, no final das contas, não nos levaria a lugar algum, muito menos a *um outro mundo possível*.

IHU On-Line - De que maneira o FMTL repercute na teologia latino-americana e que avaliação se pode fazer do fórum de Dacar?

Roberto Zwetsch - A repercussão, a meu ver, acontecerá à medida que os participantes latinoamericanos e as informações veiculadas nos diversos países de onde as pessoas presentes em Dacar procedem sejam incorporadas no afazer teológico e nas discussões locais. Evidentemente, temos de convir que a teologia latinoamericana conta atualmente com uma grande diversidade de sujeitos e temas em discussão. Um deles é a relação entre teologia e interculturalidade. Outros temas candentes são a relação entre teologia e economia (política), e teologia e ecologia, só para citar três neste momento (eu poderia mencionar as questões de gênero, o desafio das migrações mundiais, as questões da bioética e biodiversidade, e assim por diante). O que se debateu em Dacar - quem sabe - pode servir de estímulo para as pessoas no sentido de aprofundarem aspectos do seu afazer teológico que, até o momento, não receberam a devida atenção.

O fórum de Dacar serviu como um grande questionamento para nós todos

que lá participamos. Como escreveu o colega frei L. C. Susin, por ser um processo em andamento, a continuidade do FMTL deverá considerar compromissos institucionais, eclesiais, contextuais, mas ao mesmo tempo, *cruzar fronteiras*, abrindo espaços de reflexão e articulação para questões novas e urgentes, criando uma comunidade teológica mundialmente aberta. Isto significa intensificar nos próximos anos a interação em rede, de forma sempre mais ecumênica e com grande abertura para o diálogo intercultural e inter-religioso. Nesse contexto desafiador, novos instrumentos deverão ser mais explorados, como a internet e as formas de relação propostas pelas redes sociais. A teologia do futuro, sem dúvida, trará desafios surpreendentes que neste momento apenas intuimos, e que ainda não conseguimos definir com mais precisão. Em suma, a teologia - em perspectiva libertadora - precisa assumir seu papel como interlocutora do sentido da vida, onde quer que se faça presente e onde a vida se encontra ameaçada. Uma teologia que reflita sobre a experiência religiosa a partir de processos de libertação e de luta pela vida, provavelmente, é a única possibilidade de que a teologia como tal tenha incidência nos processos históricos. E tal teologia não será jamais obra de pessoas iluminadas, mas antes o resultado de uma longa caminhada conjunta, comunitária, ecumênica e espiritual, lado a lado com outras pensadoras e pensadores, e as pessoas mais pobres e injustiçadas deste mundo. O agora saudoso padre Comblin⁵, pouco antes de falecer, já nos alertava colocando uma incômoda pergunta que nos haverá de acompanhar por muito tempo: Onde estarão os profetas da igreja atualmente? Ainda há profetas? Onde estão? Sabemos acolher sua palavra crítica que chama à conversão?

LEIA MAIS...

Ainda sobre o FMTL, que aconteceu este ano, em Dacar, confira a entrevista com a teóloga Cleusa Andreatta, no link <http://migre.me/4cV2c>.

⁵ Sobre o tema, confirma a entrevista concedida pelos bispos D. Sebastião Armando Gameleira Soares e D. Luiz Cappio às Notícias do Dia do site do IHU, disponível no link <http://migre.me/4cWAE>. (Nota da IHU On-Line)

Fórum Mundial de Teologia e Libertação, uma conquista a ser potencializada

A expectativa do teólogo Erico Hammes é de que o Fórum Mundial de Teologia e Libertação - FMTL possa se inserir com mais intensidade no Fórum Social Mundial - FSM

POR PATRICIA FACHIN

O conceito de militância “não é mais suficiente para dar conta da problemática” do FMTL, constata Erico Hammes, em entrevista concedida à IHU On-Line. Segundo ele, a continuidade do evento depende do envolvimento de instituições ligadas à temática do fórum. “Pessoas isoladas participam e, embora sejam significativas, não têm representatividade nas suas comunidades ou ambientes de origem. Por isso, é preciso uma articulação mais ampla para que instituições possam se responsabilizar com o fórum e para que ele não seja dependente de participantes isolados, que tenham de se sacrificar para que o evento aconteça”, pontua.

Na avaliação de Hammes, a inserção do FMTL no FSM pode ajudar teólogos e teólogas a pensar a teologia “com senso de realismo no que se refere aos grandes dilemas mundiais”. Apesar das fragilidades do evento, ele menciona que o evento “é o único espaço de articulação mundial de teologia existente hoje. (...) Essa é uma conquista que devemos potencializar”. Na entrevista que segue, concedida por telefone, ele ressalta também que o encontro conseguiu colocar em pauta temas importantes como a pobreza, as crises financeiras e a relação entre crescimento econômico e desenvolvimento, repercutindo, inclusive, em eventos como o Fórum de Davos.

Erico Hammes é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição e em Teologia pela PUCRS. É mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, com a tese *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995). Confira a entrevista

IHU On-Line - Que avaliação faz do Fórum Mundial de Teologia e Libertação - FMTL que ocorreu em Dacar, Senegal? Em que aspectos este encontro foi diferente dos demais?

Erico Hammes - Não estive presente no Fórum de Nairóbi, no Quênia, então, não posso fazer uma comparação

entre os dois eventos que aconteceram na África. Particpei dos Fóruns de Porto Alegre e Belém. A diferença é que em Dacar teve um problema de logística porque o atual reitor da universidade que sediaria o evento não era favorável à realização do FSM. Ele não liberou espaços suficientes para

debates, como salas na universidade, e tivemos de improvisar bastante. Outro problema foi a falta de representatividade do pessoal que mora em Senegal. Por uma questão cultural, de se estar em um país muçulmano, os cristãos não participaram de forma significativa e os africanos também não estavam efetivamente presentes.

De outra parte, percebi a sensibilidade atual com a situação das religiões e da própria teologia. Nas religiões, notei uma crescente “pós-religiosa”, ou seja, uma crescente realidade pós-religiosa das pessoas. É importante refletir teologicamente acerca desta constatação e observar as implicações e a maneira como se situará a teologia diante disso. Quer dizer, como será a relação crescente da teologia com a religião.

As confissões religiosas presentes não estavam tão preocupadas com as questões de suas próprias igrejas, ainda que houvesse uma tendência da parte de alguns países - nos quais não se têm uma tradição protestante tão forte -, de se ater a ótica da Igreja Católica. Os americanos são mais religiosos no sentido de pensar o cristianismo, os confrontos com a sociedade, na linha de uma teologia pública.

Também percebi a ausência de pessoas importantes como a de Leonardo Boff, Sérgio Torres, *Gustavo Gutiérrez*. Eles são figuras históricas dos fóruns e, por diversas razões, não puderam participar do último encontro.

Do ponto de vista do conteúdo, a temática a respeito das vidas em plural, ou seja, as vidas perseguidas, ameaçadas de extinção, tanto do ponto de vista ambiental como cultural, marcou bastante.

Organização do fórum

Houve uma preocupação da organização do fórum, de não transformar o evento simplesmente em uma praça de todas as coisas que têm a ver com religiões. Nesse sentido, foram convidadas pessoas que pudessem contribuir com reflexões ou práticas teológicas, e não tivessem simplesmente experiências pastorais avulsas. Isso se refletiu no evento e penso que é positivo porque se pode usar a linguagem teológica de for-

“Embora o presidente africano não fosse uma figura entusiasmada com o fórum, ele teve de tolerá-lo por razões políticas”

ma mais clara. Obviamente, a esperança era de que o FMTL pudesse estar mais inserido no FSM, e apesar de ele ter sido realizado dentro do espaço do FSM, isso não aconteceu. A expectativa era oferecer contribuições que pudessem alimentar as nossas próprias conclusões na fase final. Esse foi um experimento novo e não deve ser abandonado, embora não tenha tido tanto êxito quanto se esperava. O FMTL deve começar antes do FSM, emergir no fórum e, nos últimos dois dias, fazer um trabalho interno de reflexão a partir da realidade do encontro.

IHU On-Line - A partir da inserção do FMTL no FSM, que balanço faz do diálogo e da interação entre os eventos?

Erico Hammes - Esse modelo de iniciar o FMTL antes do FSM e terminar no mesmo momento é o ideal. No último encontro, faltou visibilidade em relação ao FMTL. Entretanto, é importante manter essa relação para abordarmos também os temas candentes do FSM. Alguns participantes do FMTL conseguiram participar mais do FSM e fizeram uma leitura ampla do que estava acontecendo no evento. Eu estive em um fórum de economia, que abordou questões financeiras. Essas são discussões pertinentes e podem nos ajudar a pensar a própria teologia de uma maneira melhor, com senso de realismo no que se refere aos grandes dilemas mundiais.

IHU On-Line - Qual é o sentido do FMTL para o debate teológico e social? Em que medida as discussões realizadas causam efeito para repensarmos, por exemplo, a relação da Igreja com os pobres, temas candentes como a crise financeira, a fome, a miséria, e também aquilo que os ín-

dios aymara chamam de bem-viver?
Erico Hammes - Os indígenas do México, Bolívia e Peru participaram do Fórum, em Dacar, e isso foi positivo. O Fórum é o único espaço de articulação mundial de teologia existente hoje. Apesar de todas as suas fragilidades, não existe outro momento em que se articulem mundialmente concepções teológicas e isso é, sem dúvida, uma conquista que devemos potencializar.

Existe uma mobilização mundial em relação aos pobres, a qual teve repercussão no Fórum Econômico de Davos. Esse evento não é mais o mesmo depois do FSM. Se o fórum mudou, então, significa que a própria teologia, na medida em que está articulada com esses movimentos mundiais, também tem algo a ganhar. Qualquer teólogo e teóloga que participa do FMTL, ligado ao FSM, têm a possibilidade de articular seu pensamento nesse sentido.

No meu caso particular, desenvolvi um trabalho de pesquisa sobre cristologia e paz. Então, participar desta mobilização mundial e estar presente na África serviu para alimentar meu trabalho de pensar a relação entre teologia e paz para a construção de uma sociedade humana cada vez mais integrada.

É fundamental que a teologia tenha em vista questões de sofrimento, como as que observamos em Dacar. Não pode haver uma boa teologia cristã sem que ela repercuta, de algum modo, o sofrimento e a tentativa de superação, de salvação, de libertação. A necessidade de recuperar o conceito de libertação foi outra questão de destaque no fórum. Cada vez mais, a sobrevivência das sociedades está ameaçada. No Brasil, corremos o risco de ficarmos obcecados por um ufanismo nacional, pelo progresso, e perdemos a sensibilidade com os problemas agudos que, de fato, afetam grande parte da população brasileira.

IHU On-Line - Quais foram as conquistas do FMTL ao longo desta década?

Erico Hammes - A primeira conquista do FMTL é o fato de ele existir e conseguir sobreviver apesar de todas as dificuldades existentes para articular experiências no âmbito mundial. A segunda vitória é a rede que se conseguiu construir e manter. Hoje, é possível

que diversos integrantes tenham contato, nos cinco continentes, por meio de uma secretaria central do fórum. A terceira conquista se refere à produção teológica a partir do evento. São produzidos apenas alguns periódicos coletivos, mas as discussões do evento são colocadas em âmbito mundial, por meio da presença midiática.

IHU On-Line - O senhor vê aproximação entre o FSM, o FMTL e outras iniciativas como a Rio+20?

Erico Hammes - Não houve uma aproximação explícita nem uma aproximação programática; penso que esse é um desafio. Algumas pessoas ligadas a fóruns mundiais certamente também estarão no Rio+20.

IHU On-Line - O senhor citou uma mudança no Fórum de Davos, mas de que outras formas o mundo mudou a partir do FSM e do FMTL?

Erico Hammes - A partir do FSM foi necessário incluir dimensões éticas nas políticas internacionais. Analisei os discursos crescentes do Fórum de Davos a partir da participação do FSM. Houve uma abertura para a dimensão religiosa, mas, sobretudo uma explicitação da responsabilidade social da economia mundial de ter de responder às políticas mundiais.

Algumas figuras políticas também estiveram envolvidas. O fato de Lula ter participado no início dos fóruns e, mais tarde, como presidente, não foi inocente.

Em Dacar, embora o presidente africano não fosse uma figura entusiasmada com o fórum, ele teve de tolerá-lo por razões políticas. Vejo o evento como uma forma de influência na própria história mundial. O fato de alguns políticos terem se interessado pelo fórum, serve como uma contribuição para mudanças positivas. O FSM serve como um movimento de vigilância de fronteiras para dizer que existem mais coisas do que simplesmente a economia. Além disso, ele tem a função de indicar a inclusão de determinados temas que, de outro modo, poderiam passar despercebidos.

IHU On-Line - Que temas sociais e teológicos importantes o FMTL ainda

não conseguiu abordar?

Erico Hammes - O FMTL ainda não conseguiu trazer, suficientemente, para a sua reconstrução sistemática as questões sociais implicadas. Ou seja, conseguimos pensar temas no campo da ética ou da moral social, mas não conseguimos refletir sobre questões teológicas acerca de Deus e Jesus Cristo. Os movimentos religiosos mundiais não conseguiram discutir o impacto que isso tem sobre a teologia. Falta um debate mais amplo no que se refere ao diálogo interreligioso.

IHU On-Line - Qual sua perspectiva em relação ao futuro do FMTL? Que papel desempenhará na próxima década?

Erico Hammes - O futuro vai depender do que se consiga articular hoje. Precisamos de uma renovação interna significativa. Isso faz com que o fórum tenha que pensar como se articular e ser uma presença significativa, mesmo não tendo muitos militantes. Esse conceito de militância não é mais suficiente para dar conta da problemática. É necessário envolver algumas instâncias mais sérias de pesquisas porque ainda há muito *freelance* no FMTL. Ou seja, pessoas isoladas participam e, embora sejam significativas, não têm representatividade nas suas comunidades ou ambientes de origem. Por isso, é preciso uma articulação mais ampla para que instituições possam se responsabilizar com o fórum e para que ele não seja dependente de participantes isolados, que tenham de se sacrificar para que o evento aconteça. Se isso não acontecer, ele pode morrer ao natural.

LEIA MAIS...

Ainda sobre o FMTL, que aconteceu este ano, em Dacar, confira a entrevista com a teóloga Erico Hammes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

* Comblin e a reinvenção da igreja. Edição 356 da revista IHU On-Line, de 04-04-2011. Acesse no link <http://migre.me/4cOg1>

* Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner. Edição 5 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 01-05-2004. Disponível em <http://migre.me/4b9nG> Andreatta, no link <http://migre.me/4cV2c>.

21 de maio

Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011

Da alienação à conscientização para uma prática transformadora da realidade.

Assessoria: Prof. Dr. Pedrinho Guareschi - PUC/RS

www.ihu.unisinos.br

IHU Repórter

Oscar Kronmeyer

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Nascido e criado no interior de Novo Hamburgo, o Prof. Dr. Oscar Kronmeyer preserva o gosto pela vida simples, rural, que levava com sua família. Coordenador do curso de MBA em Gestão da Tecnologia da Informação, da Unisinos, e executivo da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica - ABINEE, dedica-se a manter paralelas a atividade acadêmica e o mundo dos negócios. Oscar é pai de duas meninas: Steffany e Luíza. Uma terceira garotinha está a caminho, com nascimento previsto para junho. Conheça mais sobre a trajetória desse professor na entrevista a seguir.

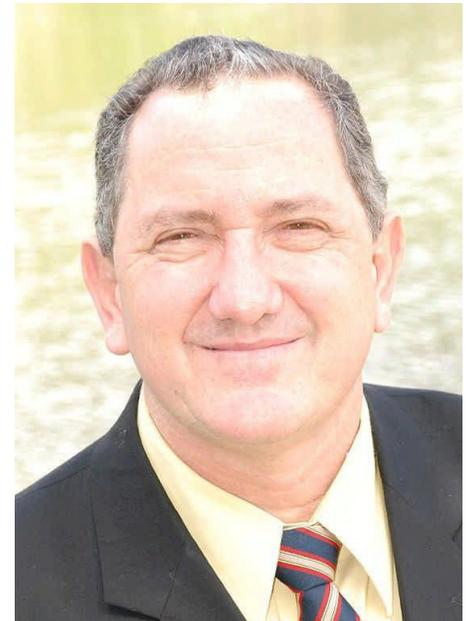
Origens e estudos - Nasci em Novo Hamburgo, em 1953, em uma região onde ainda havia área rural. Tenho então origens no campo, e orgulho-me disso. Havia um colégio próximo da minha casa que ia até o quarto ano do primário, e lá eu estudei. Lembro-me que fiz o primeiro ano e a professora convidou-me para cursar o terceiro direto, sem fazer a segunda série. Isso foi um episódio interessante. Depois, fui para uma escola estadual mais afastada. Levava uma hora caminhando para chegar até lá diariamente. A seguir, fiz o ginásio no Ginásio Estadual de Campo Bom.

Como muitas famílias do campo, tínhamos algumas posses, mas o dinheiro era muito escasso. Vivíamos no campo. Eu ordenhava cinco vacas antes de ir para a escola. Acordava bem cedo e tinha uma vida boa, ligada à natureza. Naquele tempo se andava de calça remendada, coisa que hoje é praticamente impensável. Mais tarde, tornei-me aluno do Colégio 25 de Julho, em Novo Hamburgo, no curso científico.

Serviço militar- Aos 16 anos eu era office boy numa indústria de calçados em Novo Hamburgo. Corria para todo lado. Na seleção para o serviço militar, fui selecionado para o Núcleo de Pre-

paração de Oficiais da Reserva - NPOR, de São Leopoldo. Dediquei-me muito a essa atividade, onde me identifiquei bastante, tendo sido distinguido com a medalha Correia Lima, oferecida pelo Exército a seus melhores alunos nas Escolas de Formação de Oficiais da Reserva.

Agronomia - Prestei vestibular para Agronomia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, pois era um destino natural para quem, como eu, tinha origem no campo. Fiz um concurso de pobreza, e fui morar na casa do estudante universitário da UFRGS. Eu era bem discreto, meio “bicho do mato”, mas me adaptei bem. Naquele momento, não trabalhava, já que a faculdade era diurna. Quando iniciei o curso, coincidiu a necessidade de realizar o estágio militar no Exército. Quando voltei para o segundo semestre da Agronomia, cheguei 15 dias atrasado para as aulas em função desse estágio. Entrei direto numa aula de botânica, na qual meus colegas estavam todos diante de lupas classificando espécies vegetais pelo exame das suas flores, no que se chama de botânica sistemática. Eu não entendia nada, e perguntava tudo. Isto causou-me um embaraço significativo, que relato a seguir, mas recomendo a to-



dos, pois afinal, para crescer é preciso perguntar o que não se sabe. O embaraço ocorreu numa aula sobre gramíneas, com o professor Quintas, então presidente do CREA. Ele fez uma afirmação, eu levantei a mão e disse-lhe que não havia entendido. Fleumaticamente, ele voltou-se para mim e disse: “Bem, em se tratando do senhor, não me surpreende”. Ele seguramente achou isto muito engraçado, mas naquele momento eu não percebi graça nenhuma. Hoje, todavia, divirto-me recordando isto.

Engenharia - O Exército chamou-me para assumir a condição de ser Oficial na Ativa, eu considerei o convite interessante e aceitei imediatamente. Fui servir no 19º Batalhão de Infantaria Motorizada, em São Leopoldo. Lá fiquei por 4 anos. Em meados de 1976, o exército estava implantando seu Centro de Informática na terceira Região Militar. Uma seleção foi realizada no âmbito do 3º Exército e fui classificado



STEFFANY E LUÍZA, FILHAS DO
PROF. OSCAR KRONMEYER

para fazer parte da equipe de implantação deste Centro. Fui transferido para Porto Alegre por esse motivo, e abandonei as atividades da Infância. Hoje, eventualmente recordo aqueles tempos, e, a par de outros méritos que vivenciei nesta atividade, recordo com prazer as atividades físicas. Afinal, o bom militar era julgado também pelo seu condicionamento físico, e tínhamos provas anuais de capacitação física, e tempo para preparar-se para tanto. O esporte era uma virtude, e penso que boa parte da saúde que tenho hoje também se deve a boa prática desportiva que regularmente praticávamos.

Minha vida mudou bastante em função desta nova atividade. Tive que abandonar a Agronomia e entrei na escola de Engenharia da UFRGS. A situação continuava complicada porque muitas aulas eram diurnas e eu só tinha turno livre nas quartas-feiras à tarde, e boa parte das aulas na Escola de Engenharia da UFRGS eram durante o dia.

Em 1979 concluí a Escola de Engenharia, quando também foi necessário afastar-me do Exército. Na sequência, fui selecionado para cursar o mestrado em ciências da computação na UFRGS. Não consegui concluir o curso porque me foi feita uma oferta de trabalho na indústria, em 1980. Fui gerente e diretor de sistemas durante uns 15 anos. Neste período, senti necessidade de obter conhecimentos mais aprofundados na área de gestão, que minha atividade executiva exigia. Por isso, cursei um pós em gestão empresarial na UFRGS e, a seguir, fui selecionado para o Mestrado em Administração, no PPGA-UFRGS. Já trabalha com treinamentos “in company” e lecionava na Feevale, onde durante dois anos atuei como diretor do Centro de Ciências da Computação.

Em 1996, a Unisinos chamou-

me para lecionar, por convite do então coordenador do Curso de Administração, Prof. Gustavo Martins. Tornei-me então professor do curso de Administração enquanto cursava o PPGA, onde leciono até hoje. Paralelamente, atuava como Gerente Regional da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica - ABINEE. Assim, sempre tive essa vida “paralela”, com outras atividades concomitantes à academia, em permanente contato com a indústria, quer como executivo de Entidade ligada ao setor, como por trabalhos de consultoria empresarial na área de Gestão Estratégica.

Em 2002 fui selecionado para o Doutorado em Engenharia de Produção, na UFRGS (que concluí em 2006). Nesta época, estava sendo construído o MBA em Gestão da Tecnologia da Informação, que ajudei a implantar, e onde atuo como coordenador.

Filhos e casamentos - Casei-me pela primeira vez em 1994, e deste casamento tenho uma filha, Steffany, hoje com 14 anos. É uma menina maravilhosa, uma excelente aluna. Infelizmente, durante o período do mestrado, nosso casamento não foi bem não soubemos administrar algumas situações e nos separamos. Foi um período muito difícil para mim. Todavia, recuperei-me, e após ter perdido a minha esposa durante o Mestrado, durante o Doutorado tive mais sucesso, e encontrei uma nova companheira, a Giovana, que hoje é minha esposa. Com ela, tenho a Luíza, minha filha de 6 anos, que está sendo alfabetizada em português e em alemão, e estamos esperando outra menina para o mês de junho. Estamos decidindo o seu nome. Blanka é uma das opções. E combinamos que sou eu que escolho o nome, pois nas duas filhas que tenho, foi combinado que o nome das meninas seria escolhido pela mãe, e o nome do menino pelo pai. Pois é: tive que renegociar o contrato !!!

Lazer - Venho do campo, e gosto do que diz respeito a esse mundo. Sempre achei que poderia ganhar dinheiro com a “lida”, e sou muito cuidadoso com preservação do meio ambiente e sustentabilidade. Isto levou-me a ter uma propriedade rural, situada nas margens do Rio dos Sinos, em Santo Antonio da Patrulha, onde crio gado e fazemos plantio de arroz. Trata-se de uma atividade que busca unir lazer e negócios. Outra coisa que gosto é de mergulhar e praticar esportes. Infelizmente não tenho tido o tempo que gostaria para praticar atividades físicas. Meu desafio é restabelecer essas práticas para garantir uma boa saúde e continuidade de uma vida com qualidade. Afinal, em junho, fazendo 58 anos, terei uma filha recém-nascida!

Unisinos - O que mais me impressiona nessa universidade é a sua postura ética. Esse é o ponto que faz com que eu me sintam tão bem e me identifique com a instituição. A transparência e a qualidade no tratamento humano são diferenciais importantes da Unisinos. Outro aspecto que destaco é o reconhecimento que a universidade vem recebendo e a decisão de se expandir territorialmente, abrindo campi em outros locais, e a adoção de tecnologias de ensino a distância é importante para consolidar este crescimento. A qualidade do parque tecnológico da Unisinos também é um fator alavancador essencial na inserção da Universidade na comunidade produtiva. Entendo que este é um movimento virtuoso, que se consolida.

IHU - O IHU tem tudo a ver com o desenvolvimento e formação integral da pessoa. Não basta a qualidade técnica na formação dos profissionais, mas sólidas bases humanísticas, pois sem humanidade o castelo desmorona. E nisso o IHU tem um papel de reflexão fundamental, realizando a adequação composição de uma universidade que se preocupa com tecnologia, desenvolvimento e formação humanística.

Destaques



Leituras políticas de Paulo hoje

O filósofo espanhol **José Antonio Zamora** é o autor do número 53 dos **Cadernos Teologia Pública**, intitulado *Escatologia, militância e universalidade. Leituras políticas de São Paulo hoje*. A publicação estabelece um diálogo entre os filósofos modernos **Jacob Taubes**, **Alan Badiou** e **Slavoj Zizek** com o legado paulino. Paulo também é o tema do professor Dr. **Daniel Marguerat**, da Universidade de Lusane, Suíça, que de 11 a 13 de abril ministra o curso **Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos**, no IHU. O evento faz parte da programação de Páscoa IHU 2011 - Debates sobre o cuidado da vida na cultura contemporânea. Os **Cadernos de Teologia Pública** podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no câmpus da Unisinos, ou pelo endereço livrariaculturalsle@terra.com.br. Informações pelo fone 55 (51) 3590.4888. Eles também estarão disponíveis no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu.

O Fórum Social Mundial em debate

Reconhecido mundialmente pelas temáticas que propõe e por buscar alternativas para construir um “outro mundo”, o FSM será debatido em 14-04-2011, no evento Fórum Social Mundial - trajetória, perspectivas e limites. A programação inicia com o evento **IHU ideias** apresentado por três pessoas que participaram do Fórum Mundial Teologia e Libertação: Profa. Dra. **Cleusa Andreatta** - Unisinos, Prof. Dr. **Erico Hammes** - PUCRS e pelo Prof. Dr. **Roberto Zwetsch** - EST, às 17h30min, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros. Às 20h é a vez do arquiteto **Francisco Whitaker**, cofundador do FSM, analisar o evento em sua história e perspectivas. Confira nesta edição entrevistas exclusivas com **Whitaker**, **Hammes** e **Zwetsch**.

Renda básica de cidadania

Em 4-5-2011 o sociólogo **Josué Pereira da Silva**, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, estará na Unisinos falando sobre **Renda Básica de Cidadania**. Emancipação cidadã e autonomia, atividade integrante do **Ciclo de Palestras: Renda básica de cidadania**. A programação completa pode ser conferida em <http://migre.me/4cVAL>. A Renda Básica de Cidadania é um direito de todas as pessoas. Todos devem receber uma renda que, na medida do possível, seja suficiente para atender as necessidades vitais de cada pessoa. De acordo com **Eduardo Suplicy**, “trata-se de um direito de participarmos da riqueza da nação. Não será negado a ninguém esse direito. Será pago conforme a lei 10.853 de 2004 para todos os residentes no Brasil e inclusive para os estrangeiros que aqui moram há cinco anos ou mais”.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)



Apoio:

